



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

CENTRO DE ESTUDOS AFRO ORIENTAIS

PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ÉTNICOS E  
AFRICANOS

MARIA RAFAELA OLIVEIRA FRANÇA DE SOUSA

RACISMO E DEMOCRACIA DIGITAL: DISCURSOS QUE ATRAVESSAM A ESCOLA

SALVADOR, 2021

MARIA RAFAELA OLIVEIRA FRANÇA DE SOUSA

RACISMO E DEMOCRACIA DIGITAL: DISCURSOS QUE ATRAVESSAM A ESCOLA

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, da Universidade Federal da Bahia, como requisito final para obtenção do título de Mestra em Estudos Étnicos e Africanos. Sob orientação da Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Jamile Borges Silva.

SALVADOR, 2021

MARIA RAFAELA OLIVEIRA FRANÇA SOUSA

RACISMO E DEMOCRACIA DIGITAL: DISCURSOS QUE ATRAVESSAM A ESCOLA.

SALVADOR-BA \_\_\_\_\_ DE 2021.

BANCA DE DEFESA:

---

Dr<sup>a</sup>. Jamile Borges – (Orientadora/PósAfro – UFBA)

---

Dr<sup>a</sup>. Elaine Cristina Moraes Santos (Membro externo/USP)

---

Dr<sup>o</sup>. Raimundo Cláudio Silva Xavier (Membro Externo/ UNEB)

Biblioteca CEAO - UFBA

S725 Sousa, Maria Rafaela Oliveira França de.  
Racismo e democracia digital: discursos que atravessam a escola. / Maria Rafaela Oliveira França de Sousa. - 2021.  
85 f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Jamile Borges Silva.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Estudos Afro-Orientais 2021.

1.Racismo. 2.Cibercultura. 3.Imagem. I.Silva, Jamile Borges.  
II.Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
Centro de Estudos Afro-Orientais. III. Título.

CDD - 305.896081

Dedico a minha escrita a Deus, meus guias que caminham comigo, me protege e fortalece.

Laroiê, Exú!

Ogum yê!

Oke Arô!

Odoyá!

Aos meus avós Chico, Aurino, Ana e Líbia (in memoriam)

As mulheres da minha família, minhas tias-avós.

Minha mãe Eduarda, que me faz acreditar que a mudança da sociedade vem através da escola pública.

Aos meus alunos.

Aqui me despeço de mais uma etapa da caminhada para começar outra.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha mãe Eduarda França, pela oportunidade, dedicação, por me criar da melhor forma possível, exemplo e inspiração enquanto mulher e profissional.

Agradeço ao meu pai (In memoriam) Diógenes Pereira, pelas conversas e palestras rsrs, pelas risadas, e por vislumbrar junto comigo o sonho de entrar em um mestrado de uma universidade pública. A correria valeu a pena, Di!

Aos meus irmãos Ana Líbia e Francisco Eduardo por estarem sempre próximos a mim e pela caminhada.

Agradeço ao meu amigo e companheiro Eliel Cerqueira pelo carinho, paciência, dedicação, que esteve comigo desde a prova até a entrega da dissertação, apoiando e incentivando. Sem você seria difícil. Muito obrigada!

Ao meu Tio Luis, pelo exemplo de profissional, carinho e dedicação à família.

Ao meu primo Luis Matos, meu amigo, irmão mais novo, tradutor, advogado, companheiro, que eu sempre possa estar ao seu lado nessa caminhada da vida.

Agradeço a minha tia Neuza Oliveira, pelo carinho, amor e por ser esse exemplo de ser humano.

A Minha Madrinha Maria Isabel que sempre disse que eu poderia mais, por acreditar em mim. Aos meus primos Danielli e Gustavo, pelo carinho, e que sempre estiveram apostos quando eu me desesperava com a escrita.

A minha família Oliveira, Rebeca Valete, Ana Luisa, Gabriela Matos, Luisa Matos, Tatiana Costa, Miguel Costa, Lita, Paulo Costa, Fábio Costa (in memoriam), Maria das Graças, Rubem Souza, Tia Emília, Francisco, Caroline, Ana Tereza, Larissa, Luciana, vocês fazem parte da minha história.

Aos meus amigos que descobri na graduação e levo comigo para a vida, Naiara Natividade, Fabiane Lima, Eduardo Moleiro.

A minha amiga Luciméa Lima, que sonhou comigo desde a construção do projeto, seleção, aprovação, aulas, desesperos, disciplinas, amizade, acolhimento, escuta, puxão de orelha. Muito obriga! Você é parte importante de todo esse processo. Você é inspiração!

A Iuri Matos, Carolina Rodrigues, Vanessa Machado, Ludmila Nagmatsu, Lucas Neri, Cláudia Amorim, Ângelo Amorim, por acreditar, ser apoio, amor, gargalhadas e estarem sempre por perto.

A Ávila Santos pelo caminhar da educação básica até aqui! Amizade, carinho, amor e cumplicidade.

Agradeço ao amigo Nivaldo Conceição e o seu projeto *@livroquetequeroler* que tanto me ajudou na doação de livros para a construção dessa pesquisa.

A Adrielle Regine, por sonhar comigo esse momento.

Agradeço a Antônio de Santana (in memoriam), Ademir, Francisca, Jadiel, Júnior e Juceli, pelo acolhimento e boas risadas.

Agradeço a Vânia, Analice, Reginaldo, Agueda, Iael Fernanda, Indira, Elinete, Fabiola, Luciana, Alessandra, a energia de vocês me trouxe até aqui.

Agradeço aos alunos e professores do Colégio Classe IV, pela paciência, entrevistas, cafezinhos e boas conversas.

A minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jamile Borges por ser inspiração, pela sua paciência, contribuição e por acreditar em meu trabalho.

A banca de qualificação e defesa composta pelos professores Elaine Cristina Moraes Santos e Prof. Dr.<sup>o</sup> Raimundo Cláudio Silva Xavier, por toda contribuição para construção dessa dissertação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) instituição que possibilitou, através do fomento, a realização desta pesquisa.

## RESUMO

A escola enquanto espaço de circularidade também será marcada pelas influências da Internet trazendo em um só lugar dimensão offline e online. Essa dissertação propõe adentrar a escola enquanto lócus de pesquisa para compreender como o discurso da democracia chega até os estudantes de ensino médio, impactando ou influenciando suas representações sobre o que significa ser negro no Brasil. Para a construção desse estudo foram utilizados os métodos etnográficos e netnográficos, apresentando o campo, nesse caso a escola e os seus atores sociais, como também a rede virtual que nesse estudo é o Instagram. No segundo capítulo tento traçar os conceitos de democracia digital, cibercultura, cultura de digital. No terceiro capítulo, trago a análise dos discursos produzidos nas redes sociais e como esses discursos chegam até a escola. Buscando a partir dos dados coletados no campo e através das ferramentas metodológicas da netnografia, como se dá o processo de percepção e construção da identidade desses jovens afrodescendentes mediadas pelas tecnologias digitais, imagens e narrativas em pixels.

**Palavra chave:** Ciberdemocracia; Racismo; Cibercultura; Imagem; Meme.



## **ABSTRACT**

The school as a space of circularity will also be marked by the influences of the Internet, bringing offline and online dimensions in one place. This dissertation proposes to enter the school as a locus of research to understand how the discourse of democracy reaches high school students, impacting or influencing their representations of what it means to be black in Brazil. For the construction of this study, ethnographic and netnographic methods were used, presenting the field, in this case the school and its social actors, as well as the virtual network that in this study is Instagram. In the second chapter I try to trace the concepts of digital democracy, cyberculture, digital culture. In the third chapter, I bring the analysis of the speeches produced in social networks and how these speeches reach the school. Searching from the data collected in the field and through the methodological tools of netnography, how the process of perception and construction of the identity of these young people of African descent takes place mediated by digital technologies, images and narratives in pixels.

**Keywords:** Cyberdemocracy; Racism; Cyberculture; Image; Meme.

## **LISTA DE IMAGENS**

Figura 1-Imagem de pai e filho.

Figura 2 – Cantor e compositor Stevie Wonder

Figura 3-Grupo de “amigas” fazendo Black face.

Figura 4 – Miss Piauí e Brasil 2017

Figura 5 – Wendie Renard zagueira da seleção da França

Figura 6-Imagem de um homem negro na condição de escravizado e uma mulher negra em posição de destaque.

Figura 7 – Boneca Barbie

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1. NOTAS EM TORNO DA PESQUISA.....</b>	<b>15</b>
<b>1.2 O PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>17</b>
<b>1.3 A ESCOLA COMO CAMPO DE PESQUISA: O CENTRO EDUCACIONAL CARNEIRO RIBEIRO CLASSE IV.....</b>	<b>20</b>
<b>2.0 NOTAS SOBRE O CAMPO: A ESCOLA CLASSE IV.....</b>	<b>22</b>
<b>2.1. EM CAMPO.....</b>	<b>26</b>
<b>2.2. QUEM SÃO ESSES JOVENS.....</b>	<b>32</b>
<b>3. CIBERDEMOCRACIA: INTERNET, CIBERESPAÇO E CULTURA.....</b>	<b>38</b>
<b>3.1 CIBERESPAÇOS: CRIAÇÃO DE UM NOVO ESPAÇO?.....</b>	<b>41</b>
<b>3.2 CIBERCULTURA.....</b>	<b>45</b>
<b>3.3 CIBERDEMOCRACIA NO BRASIL.....</b>	<b>48</b>
<b>4. IMAGEM E AUTOIMAGEM: RACIALIDADE E EDUCAÇÃO.....</b>	<b>56</b>
<b>4.1. ESTUDOS DAS IMAGENS E SUAS DIMENSÕES.....</b>	<b>58</b>
<b>4.2. O MEME.....</b>	<b>61</b>
<b>4.3. O OLHAR SOBRE A VIRTUALIDADE DA IMAGEM.....</b>	<b>63</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>77</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>78</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>83</b>
<b>ANEXO B.....</b>	<b>86</b>

## 1. APRESENTAÇÃO

A História das ciências já provou a impossibilidade de haver imparcialidade no campo da pesquisa, e é nesse sentido que acredito que não se pode fazer pesquisas no campo da educação sem que exista paixão, ainda que essa mesma paixão possa nos levar, enquanto pesquisadores, por caminhos muitas vezes tortuosos. Pensar nesta construção é importante também para que possamos apresentar o processo da escrita da autoconstrução e do conhecimento. É a partir disto que revisito as memórias referentes à minha trajetória educacional, à minha identidade étnico-racial, de modo a justificar uma escrita teórica que acredita no que dissemina e defende.

O processo de construção da identidade racial em um país declaradamente racista, portanto, desigual como o Brasil é ao mesmo tempo libertador e doloroso. Nesse ambiente hostil crescemos acreditando na ideia de que somos incapazes e subalternos, que pertencemos a espaços marginais, e neste cenário travamos uma luta diária entre o discurso dominante e o que vemos no espelho todos os dias. E por mais que nademos na contramão do processo, ainda ecoam memórias e discursos que insistem em nos colocar neste lugar de dor.

Eu poderia começar a falar sobre minha trajetória a partir da construção do conhecimento acadêmico, a graduação ou a entrada no mestrado, encurtando minha narrativa para um breve relato da vida acadêmica, mas entendo que a minha caminhada se fez antes disso. E me enxergar a partir dos marcadores de gênero, raça e classe numa sociedade patriarcal, classista e machista, assentada na divisão dos papéis entre homens e mulheres é desafiador e compõe a vida de gerações que como a minha tiveram toda vida marcada por essas violências. Falar na primeira pessoa e pensar em como construiria essa narrativa neste trabalho é algo que me causou bastante inquietude, ter que traçar a trajetória da minha vida pessoal até essa dissertação, foi algo que me trouxe sensações e sentimentos não experimentados nem com o passar das noites e dias fichando livros e textos.

Entendi neste processo que, por conta do sistema racista a que estamos submetidos no Brasil, é sempre muito difícil para mulheres negras escrever a próprio punho sobre sua trajetória de vida, temos um histórico de silenciamentos que são naturalizados e isso se torna ainda mais evidente quando temos que fazer uma relação entre a nossa vida pessoal e a pesquisa acadêmica, é

preciso, inclusive, entender que essas duas coisas não precisam estarem dissociadas. Escrevemos tendo como referência esse silenciamento e ainda que inconscientemente nos escondemos, e somos levadas a acreditar que não somos sujeitos importantes no processo de construção do conhecimento. A partir daqui começa a relação entre a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa, a minha imagem e construção enquanto mulher negra, afro-ameríndia, que foi e segue sendo achincalhada, silenciada, usada como exemplo para piadas racistas e que se encontra de algum modo com a autoimagem destes estudantes. Nesse processo compreendemos que as nossas falas traduzem a nossa realidade e a de muitos outros e, por mais que sejamos silenciadas, a nossa escrita se torna insurgente e poderosa.

A construção desse estudo não começa no Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos – UFBA, quando cursadas as disciplinas e atividades complementares, mas a partir de todas as lembranças que ecoam quando diziam *“ao invés dessa menina está aqui brincando de bicicleta deveria pentear esse cabelo duro”, “você trabalha aqui?” “são filhos do mesmo pai e da mesma mãe?” “vamos amansar essa fera<sup>1</sup>” “esses cabelos com o pé na África”, “Não tome mais sol, pois parecerá com aquelas africanas”, “A sua sorte é que você não nasceu com traços negroides ou seria pior a porção índio serviu para isso”, “Seus cabelos parecem pentelhos<sup>2</sup>”, “você não é negra! Não diga isso”. São frases que escutei durante a minha infância e que ainda hoje ouço em diferentes ambientes, e mostram, a partir de minha própria experiência, o quanto a questão da autoimagem ecoa no imaginário de jovens negros e negras, como a violência simbólica e as microagressões fazem parte do nosso cotidiano.*

Essas violências se perpetuam no decorrer da nossa formação, seja na construção enquanto mulher negra ou a acadêmica. Ao recordar as lembranças da escola, constato na minha trajetória de estudante da rede pública os efeitos de uma educação colonizada em que os professores reproduziam, muitas vezes de forma inconsciente, discursos racistas para estudantes negros, inclusive endossados pelo Estado quando este escolhia e colocava em uso um material didático que negava a contribuição negra/africana na constituição do Brasil e que silenciava os povos originários no trato com os conteúdos pedagógicos. Isso me inquietava, sufocava, tendo sido um gatilho para

---

<sup>1</sup> Cabelo

<sup>2</sup> Pelos pubianos

viesses a me inserir no movimento estudantil secundarista, dando continuidade na graduação, onde vim a fazer parte do Centro Acadêmico Carlos Marighela – Universidade Católica do Salvador-UCSAL.

No Centro Acadêmico da Universidade Católica do Salvador-UCSAL consegui compreender o mundo além do meu, tive contato com integrantes do movimento negro, e com uma perspectiva a partir das mulheres desse movimento, a vivência do movimento estudantil acadêmico com esses sujeitos ativos e críticos da História me permitiu um horizonte que retirou o véu da subalternidade da minha consciência. A partir de então, a minha construção enquanto mulher negra começa a se definir.

Acredito que a escola pública é espaço importante na construção identitária de pessoas negras. Apesar de parte da minha formação ter sido em escolas públicas, reconheço que não tive acesso a uma educação libertadora, que respeita a história dos negros e indígenas na construção da História e cultura afro-brasileira. Entendo que, mesmo após a Lei 10.639/03 de 09 de janeiro de 2003 e de todas as ações promovidas a partir dela, a educação brasileira em geral, seja em âmbito público ou privado ainda enfrenta resistência na sua implementação, o que resulta na reprodução de uma educação moldada pelo colonialismo, reforçando estruturas que invisibiliza outros olhares sobre a História, como a autonomia de outros povos que não sejam os europeus e/ou norte-americanos.<sup>3</sup>

A chegada a universidade, para uma quantidade expressiva dos estudantes negros, acontece de modo muito arrebatador, de um lado a necessidade de concluir os semestres e notas sem fim em avaliações, mas há nela também uma construção enquanto sujeito histórico-crítico, agente histórico, mesmo que ainda reproduza um currículo colonizado e mantendo um discurso já arranjado na educação fundamental e médio. Como a maioria dos jovens negros da cidade do Salvador-BA fui aluna de escola pública presenciando em minha formação a reprodução de discursos e conteúdo de

---

<sup>3</sup> Ver em: KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª edição Companhia das Letras, 2019, HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla – São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes, 2019. SILVA, Ana Célia da. **A representação social do negro no livro didático: o que mudou? Por que mudou?**. Salvador: EDUFBA, 2011.

caráter racista e intolerante dirigido a jovens negros em formação, afetando não somente o indivíduo enquanto profissional, permeando o imaginário do jovem que no final continuará a reproduzir e validar o discurso do colonizador, emudecendo a sua história, estética e identidade.

Ao retornar ao ambiente escolar na carreira de docente lecionando a disciplina História, Identidade e Cultura, percebo que quase nada mudou. Temos ainda um universo escolar que, após tantas leis, ainda se mantém reproduzindo discursos e conteúdos intolerantes e racistas para jovens negros, assim como professores negros que levantam a bandeira política da extrema direita, baseada no nacionalismo, neoliberalismo, fascismo, fundamentada no radicalismo religioso cristão, indo na contramão de uma educação para todos e de respeito às diferenças.

Em face disto, minha pesquisa diz respeito a identificar o conceito de democracia à luz das recentes transformações no campo da cibercultura e como os discursos racistas que aumentam nas redes sociais podem afetar a formação, autoafirmação e identificação da identidade de jovens negros e negras, estudantes de ensino médio, impactando ou influenciando suas representações sobre o que significa ser negro no Brasil. Compreendendo a importância dessa linguagem digital e como se dá à representatividade negra nos espaços virtuais.

## **1.1. Notas em torno da pesquisa**

A escola é reconhecidamente um espaço de ambiguidades para população negra, visto que, ao mesmo tempo em que é um lugar importante para o aprimoramento e formação, também torna-se um espaço que contribui para a manutenção de uma ideologia racista onde a autoestima de crianças, jovens e adultos é de todo modo ceifada. Althusser (1970) fala em como:

a Escola se converte em mais um aparelho ideológico do Estado, (mas também outras instituições de Estado como a Igreja ou outros aparelhos como o Exército) ensinando ‘saberes práticos’, mas em moldes que asseguram a sujeição à ideologia dominante ou o manejo da ‘prática’ desta. (ALTHUSSER 1970, p.22)

É importante trazer a discussão da formação cultural e identitária do indivíduo para o âmbito escolar, reconhecendo nosso passado histórico, pensando em uma formação crítica do sujeito no contexto dessa sociedade, compreendendo a importância da apropriação do passado e dos

espaços educativos enquanto agente formador e transformador dessa sociedade. Como dito por Paulo Freire (1996):

[...] a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ ou aprendidos implica tanto o esforço de *reprodução* da ideologia dominante quanto o seu *desmascaramento*. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas *reprodutora* nem apenas *desmascaradora* da ideologia dominante. (FREIRE, 1996, p.98)

Ao analisar a narrativa e trajetória do negro na nossa sociedade, percebe-se que tudo o que foge aos padrões eurocêntricos, logo o que destoa ao modelo dominante da ideologia de branquitude foi marginalizado e invisibilizado. A visão etnocêntrica sobre a História criou estereótipos em relação ao outro culminando numa visão inferiorizada, trazendo a questão biológica como justificativa de uma ideologia racista (carregada de preconceitos e intolerância), a fim de normatizar hierarquias sociais. Como diz Santos (2002) o racismo é uma ideologia e, como tal, também foi concebido como uma estratégia de poder em acordo com as expectativas de parte de uma determinada sociedade.

Nessa dissertação procuro percorrer o caminho de volta à escola inserindo-me no cotidiano do Colégio Estadual Carneiro Ribeiro – Classe IV, unidade escolar pública na cidade de Salvador-BA, situada no bairro da Caixa D'água, para interrogar o conceito de democracia/ciberdemocracia à luz das recentes transformações no campo da cibercultura e como esse discurso chega até os estudantes de ensino médio, impactando ou influenciando suas representações sobre o que significa ser negro no Brasil. Tomarei aqui o discurso dos estudantes do 1<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> ano do ensino médio, autodeclarados negros ou não, na faixa etária de 14 anos a 21 anos. Do mesmo modo, busco interrogar o trabalho docente quanto a esta mesma questão a fim de perceber se/e como os professores têm reagido em sua prática cotidiana ao discurso institucional, ou ainda se o docente se identifica com estas práticas.

O trabalho está dividido em quatro capítulos, sendo o primeiro o percurso metodológico para a construção do estudo, trazendo uma fundamentação teórica acerca do método etnográfico e netnográfico. O segundo capítulo trago as notas sobre o campo no período que estive inserida no contexto da escola, observando a sua dinâmica, a sala de aula, projetos e processos. No decorrer da escrita apresento dados sobre o campo, os atores sociais desse estudo, os reflexos do racismo na mentalidade dos estudantes e na educação pública.



No terceiro capítulo fundamentado na abordagem do trabalho ‘netnográfico’ mergulho no espaço virtual, que nesse estudo, implicará na análise a partir das imagens disseminadas no Instagram. A escolha dessa rede social para a construção dessa pesquisa deu-se pela sua grande circulação de imagens, seja de representação ou autorrepresentação, e o grande acesso dos jovens nesse ambiente. Apresento a dimensão teórica sobre a Internet, a cibercultura, os limites e impasses da democracia e seus desdobramentos no mundo contemporâneo, identificando a relação da digitalidade com a democracia. Trago reflexões sobre os espaços virtuais como possibilidades democráticas, pois em ‘um clique’ podemos ter acesso a um universo. Mas é preciso perguntar que parcela da população tem acesso à Internet? Será realmente que esses ambientes virtuais são democráticos apenas pela facilidade de acesso? Será que todos tem acesso ao Estado burocrático no mundo virtual?

No quarto capítulo, reflito sobre a construção das identidades, a ideia de etnicidade e construção das imagens, compreendendo os paradigmas da cultura digital, da cibercultura e como eles influenciam os discursos sobre o que significa ser negro no Brasil. Trago para reflexão as entrevistas e a análise dos memes<sup>4</sup> que circulam no Instagram, os discursos por trás das imagens, compreendendo isso através do olhar dos alunos do Colégio Carneiro Ribeiro, Classe IV, e das observações à reação dos estudantes a esses discursos através das imagens, o que os afeta, sobretudo no que tange às questões raciais.

## 1. 2 O percurso Metodológico

Os primeiros passos para construção desse estudo começou com um levantamento bibliográfico acerca dos temas trabalhados na pesquisa: ciberdemocracia, cibercultura, identidade racial, racismo, colonialismo, representação, imagens e história, etnicidade, dentro do campo da filosofia da imagem, antropologia da imagem, história, comunicação, educação. A minha inserção

---

<sup>4</sup> O Meme é um termo criado pelo escritor Richard Dawkins, em seu livro *The Selfish Gene* (O Gene Egoísta, lançado em 1976), cujo significado é um composto de informações que podem se multiplicar entre os cérebros ou em determinados locais como, livros. a expressão Memes de Internet é utilizada para caracterizar uma ideia ou conceito, que se difundi através da *web* rapidamente. O Meme pode ser uma frase, *link*, vídeo, *site*, imagem entre outros, os quais se espalham por intermédio de *e-mails*, *blogs*, *sites* de notícia, redes sociais e demais fontes de informação.

em campo utilizando o método etnográfico, teve como lócus o Colégio Estadual Carneiro Ribeiro – Classe IV, unidade escolar pública da rede estadual de ensino na cidade do Salvador-BA, situada no bairro da Caixa D'água. Busquei entender e mapear a Internet através da etnografia online ou netnografia a partir do deslocamento virtual junto à plataforma de rede social para coleta, e análise do material audiovisual imagético produzido a partir das redes sociais.

O trabalho traz como fonte primária o discurso dos estudantes enquanto agentes históricos, como também as representações imagéticas nas redes sociais de mulheres e homens negros e negros através dos memes<sup>5</sup>. Pretendo interrogar como o contexto político-social atual e os discursos racistas que tem aumentado de forma exponencial nas redes sociais podem afetar a formação, autoafirmação e identificação da identidade de jovens negros e negras, compreendendo a importância dessa linguagem digital e como se dá à representatividade negra nos espaços virtuais. Sendo assim analisamos a dinâmica escolar no que se refere à construção da identidade dos estudantes no trabalho de combate e identificação do racismo dentro da escola, interrogando como o ambiente escolar reage à cena contemporânea, isto é, a relação escola e redes sociais sendo dois espaços propensos às discriminações e intolerâncias.

Amparada no pensamento de Oyèrónké Oyěwùmí (2002) entendo a metodologia como uma das partes mais importantes na construção de uma pesquisa, pois ao estar em campo, no processo do fazer etnográfico devemos nos despir dos nossos preconceitos, e nesse caso, das teorias dominantes eurocêntricas, compreendendo que não existe apenas uma teoria determinada para análise e estudo de todas as sociedades.

A partir disso é importante situar a metodologia no tempo e espaço. Muito já se foi dito sobre o método etnográfico mas foi com Malinowski e Franz Boas que a pesquisa de campo e a etnografia começaram a tomar forma e contorno, compreendendo que cabe ao pesquisador se inserir na comunidade a ser pesquisada e analisar os dados, não mais coletando os materiais a maneira dos antiquários, mas procurando detectar os detalhes que compõe este ambiente cultural, entendendo que tudo deve ser observado, anotado e interpretado.

O polonês Malinowski será um dos primeiros pesquisadores a perceber a importância da escrita etnográfica para a produção de conhecimento e a responsabilidade dessa produção

---

<sup>5</sup>Termo grego que significa imitação é usada para se referir a qualquer informação que viralize, sendo copiada ou imitada na rede. Geralmente esses memes são imagens, vídeos ou gifs de conteúdo engraçado, e que acabam se espalhando na internet por meio das redes sociais e/ou fóruns.

para com os povos pesquisados. A percepção do autor é clara do que não apenas deve evitar o pesquisador, mas também do que ele deve fazer em campo. O que é importante? O que deve ser rejeitado e incluído na pesquisa? O etnógrafo deve evitar se envolver a ponto de buscar no outro os “fenômenos que lhe causam admiração ou estranheza” (MATHIAS 2016, p. 32, grifos do autor.).

Ao longo do século XX os estudos etnográficos fundamentaram-se nessa nova perspectiva da antropologia interpretativa, ou a descrição densa da cultura como afirma Geertz (2017). Ou ainda como Weber (1991) ao falar sobre a atribuição de significados de cada indivíduo as suas ações, em que as pessoas deixam de ser somente informantes e se tornam interlocutores. Em campo temos que nos desnudar de todo pré julgamento forjado em nossa formação eurocentrada, como afirmam os historiadores da *Nova História*, tirar o olhar sobre a História dos vencedores e mitos atentando-se a micro-história, a história “vista de baixo”, voltar-se para as engrenagens que movem a sociedade, os indivíduos, buscando o significado e os seus símbolos.

Como parte do método etnográfico, me inserir no contexto escolar significa interpretar a cultura jovem e negra contemporânea que no momento reflete uma dualidade entre a virtualidade e o físico, ou como melhor afirma Eisenberg (2003) entre o online e o offline, seja pelo uso excessivo de tempo, acesso e permanência na Internet, como também pela falta de acesso à Internet, determinado pelas condições sociais, assim como o entrelaçamento desses dois espaços – como a escola e os espaços virtuais.

Segundo Kozinets (2002), netnografia é um método proveniente da técnica etnográfica desenvolvida no campo da antropologia e vinculado aos fenômenos da contemporaneidade que segue os princípios básicos da etnografia. Assim como a etnografia, a netnografia não é somente uma coleta de dados, observação, mas também uma descrição da cultura, que se faz no contexto da virtualidade.

Como afirma Geertz (2017).

O fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de construir uma leitura de) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (GEERTZ 2017, p. 20)

O método netnográfico é hoje muito usado no campo do marketing e da administração<sup>6</sup>, mas também tem sido utilizada no campo das ciências sociais e antropologia através da análise das

---

<sup>6</sup> Ver em: MUSSE, Mariana Ferraz. **Narrativas fotográficas no Instagram**.2019.

práticas culturais dentro do mundo online e compreensão das redes sociais, pois “muitos objetos de estudo localizam-se no ciberespaço” (MONTARDO & ROCHA, 2005, p. 01).

Amparada na netnografia me inseri na rede social Instagram, rede esta que foi criada inicialmente para ser um aplicativo de fotos onde a auto-apreciação e a apreciação do outro é o carro-chefe. Com o passar do tempo este tornou-se um espaço não só de postagens de autorretratos, como também um lugar de disputas de narrativas, autorrepresentações, onde as imagens e textos circulam de forma viral. Foi dentro desse espaço que foram coletadas as imagens compartilhadas no aplicativo entre os jovens e que serviram de escopo a esta pesquisa.

### **1.3 A escola como campo de pesquisa: o Centro Educacional Carneiro Ribeiro Classe IV**

A inserção no cotidiano da escola foi parte essencial do trabalho etnográfico a intenção era apreender e interpretar a cultura dos estudantes no ambiente escolar através do seu fluxo social e as relações socialmente construídas, com isso tratei a análise quantitativa como a faixa etária, escolaridade, formação desses sujeitos, com a junção de um caráter empírico fenomenológico, partindo da visão etnográfica reflexiva e analítica dos dados, conforme Geertz (2017, pg. 04) quando diz: “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”.

Segundo Geertz (2017), a observação participante sugere que o pesquisador interaja com o ambiente e que o mesmo pode ser afetado por ele, compreendendo que as relações sociais são complexas e dinâmicas. Com isso, foi feita uma observação participante dentro do ambiente escolar, apreendendo como funciona a dinâmica das relações estabelecidas na escola e na sala de aula do 1<sup>a</sup> ano e 3<sup>a</sup> ano do ensino médio e qual a visão desses sujeitos em relação aos memes que viralizam nas redes sociais, sejam eles; textos, charges, comentários racistas “disfarçados” de humor. Busquei saber como e porquê estas representações racistas não são questionadas, mas automaticamente compartilhadas e apreciadas a partir de ferramentas como a “curtida” e muitas vezes até com

---

CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla (Org.). **Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. Rio de Janeiro: E-papers, 2016

comentários. Analisar essas questões em uma escola da periferia da cidade do Salvador- Ba, que em sua grande maioria é composta por estudantes negros, assim como professores e funcionários, nos deram pistas para entender essa complexa relação entre democracia, racismo e educação.

A escolha pela realização de entrevistas teve como intuito alcançar maior liberdade de fala com os entrevistados, com o objetivo de aprofundar questões percebidas nas observações do ambiente na tentativa de esclarecer pontos não implícitos nos questionários. Como a autodeclaração, compreensão sobre racismo, limites e consciência do humor disfarçado de crime racial. As imagens foram analisadas e discutidas pelos estudantes a fim de encontrar ecos do discurso vigente e seus impactos em suas formações identitárias que estão atravessados pelas práticas escolares.

De acordo com Hine (2005)

A chegada da Internet colocou um desafio significante para a compreensão dos métodos de pesquisa. Através das ciências sociais e humanidades as pessoas se encontraram querendo explorar as novas formações sociais que surgem quando as pessoas se comunicam e se organizam via e-mail, websites, telefones móveis e o resto das cada vez mais mediadas formas de comunicação. Interações mediadas chegaram à dianteira como chave, na qual, as práticas sociais são definidas e experimentadas (HINE 2005, p. 01)

O meme é uma prática de linguagem multimodal que toma cada vez mais espaço na rede social e muitas vezes ultrapassa o espaço virtual e tornar-se parte das discussões do dia a dia, sendo utilizado como ferramenta de crítica, humor, carregando em si os seus discursos ideológicos. A escolha do material para a construção dessa pesquisa foi por entender a sua circularidade no meio dos jovens em idade escolar e a disseminação da cultura do celular entre eles. Os memes escolhidos para serem trabalhados nesse estudo se resumem as imagens como gênero textual carregado de discursos e não meramente para ilustração desse trabalho.

As imagens que circulam na Internet têm em si o seu valor cognitivo afetando o sujeito que a recebe, mesmo que, seja de forma subjetiva. Visto que, a fala dos estudantes é fonte privilegiada para análise através dos memes produzidos na Internet no Brasil, queremos perceber como esse discurso é recebido e representado no campo imagético e como permeia a formação e a noção de identidade étnico-racial do mesmo. As imagens utilizadas nesse estudo terão a função de melhor compreender qual discurso está sendo reproduzido através dela, pois toda produção tem uma razão de ser e atende aos interesses de determinados grupos reforçando discursos de poder.

Compreendemos o histórico de violência simbólica a que são expostos os estudantes não somente a partir dos livros didáticos, mas em todo reflexo dessa violência, a exemplo da formação dos próprios professores, como também as estruturas físicas da escola. Refletindo e sendo reforçado em currículos com perspectivas eurocêntricas, abordando a História das populações negras apenas porque a lei obriga, sendo ainda tratada em sua maioria de forma folclórica no 20 de novembro e no dia do folclore, muitos professores ainda não conseguem trabalhar a História vista de outro olhar e sem vencedores, história essa que também contam parte deles.

## **2.0 Notas sobre o campo: A Escola Classe IV**

A Escola Parque é fruto de um projeto de educação idealizado por Anísio Spinola Teixeira, que foi jurista, intelectual, educador e escritor brasileiro, um dos personagens centrais na História da educação no Brasil, que no final da década de 1940 colocou em prática sua concepção de educação pública. Anísio Teixeira pensou na educação profissionalizante e em tempo integral, construindo o Centro Educacional Carneiro Ribeiro mais conhecido como Escola Parque que abarca grandes bairros periféricos de Salvador, onde a maioria da população é negra e pobre, sendo as escolas; Classe I localizada no bairro do Pero Vaz, Classe II no IAPI, Classe III bairro do Pau Miúdo, Classe IV no bairro da Caixa D'água<sup>7</sup>.

A Escola Classe IV o lugar em que ocorre esta pesquisa etnográfica ocupa cerca de 42.942 metros de área construída, sendo projeto do Prof. Diógenes Rebouças e do Eng. Francisco Theodoro Pereira das Neves, e do escritório do Dr. Hélio de Queiroz Duarte, inaugurada em 21 de setembro de 1950, pelo então governador Otávio Mangabeira, como Centro Educacional Carneiro Ribeiro.

---

<sup>7</sup> O intelectual e educador Anísio Teixeira foi um seguidor da escola nova no Brasil, que se contrapôs a educação tradicional, e que via o professor enquanto único detentor do conhecimento, sendo alunos receptores. A escola nova pensava uma educação pública e de qualidade para a maioria da população, sendo o seu idealizador perseguido logo depois no período da ditadura militar no Brasil. Contudo guardando as críticas ao pensamento da escola nova, a maior parte da população não teve acesso à mesma, como afirma Saviani, a escola nova não era democrática, a burguesia sim continuou e conseguiu ter acesso a essas ideias da educação, contudo a maior parte da população, o povo (como popularmente dito) ficaria com a parte de uma educação tecnicista, voltada para criação de uma mão de obra para a manutenção do capital.

A escola está localizada na Rua Saldanha Marinho, 194, e segundo os dados do censo de 2018, a infraestrutura da escola possui em sua instalação de ensino; alimentação escolar para os alunos, água filtrada, água da rede pública, energia da rede pública, esgoto da rede pública, lixo destinado à coleta periódica, acesso à Internet e banda larga, nove salas de aulas, oitenta e três funcionários, sala de diretoria, sala de professores, laboratório de informática, laboratório de ciências, cozinha, biblioteca, sala de leitura, banheiro dentro do prédio, banheiro adequado a estudantes com deficiência ou mobilidade reduzida, sala de secretaria, refeitório, almoxarifado, a oferta e alunos matriculados: ensino fundamental – séries finais: 379 alunos e ensino médio: 534 alunos.

Além de ter um papel importante na História da educação na Bahia, destaca-se também a sua arquitetura modernista; a Escola Classe IV – como é mais conhecida – está inserida em um bairro periférico da cidade do Salvador, tendo sua maioria de população negra e/ou autodeclarada parda, com alto índice de violência, e mortes violentas de jovens negros. Sendo que a população dos bairros adjacentes também compõe o corpo de alunado da escola Classe IV, e alguns professores e funcionários da escola são moradores dos bairros.

Falar do espaço da escola é pensá-la enquanto lugar subjetivo e formador de sujeitos, cuja arquitetura contribui para a violência simbólica e para a perpetuação de relações de poder, refletindo as estruturas de violência que cercam a escola. A mutilação que o colonialismo faz na psique do sujeito não se restringe somente na reprodução de um discurso de uma educação colonizada, financiada pelo Estado, defendida e reproduzida em toda sociedade, mas também na estrutura arquitetônica da unidade escolar reforçando um projeto “silencioso” de séculos de opressão, exclusão e carcerário. Como afirma Foucault (2012, p.10) “[...] e visto que – isto a História não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar”.

Contudo há uma contraposição a sua construção inicial e características arquitetônicas, com intervenções marcadas pelas grades em todos os cantos, portões, cadeados e correntes, que guardam cada acesso aos espaços como uma cadeia, bem como a depredação do ambiente, reforçando que a escola pública - lugar de maioria negra e pobre – se assemelha aos espaços excludentes da nossa sociedade, ecoando no imaginário desses jovens essa memória marginalizada, moldando o

pensamento e autoestima daquele menino e menina, de modo que os mesmos nunca tenham a ousadia de pensar a sua vida fora desse contexto marginal e carcerário, reforçando que o projeto colonialista continua dando certo e que a escola pública faz parte deste. Compreendendo todas essas violências simbólicas subjetivas através dos espaços.

É fácil discursar e dizer que o caminho da “salvação” de um país está na educação, difícil é perguntar que tipo de educação estamos reproduzindo há séculos? Que tipo de História historiografamos há séculos para os nossos estudantes? É um modelo que reforça estereótipos, trazendo o começo da nossa história a partir da perspectiva do colonizador e repetindo essas afirmativas violentas que se refletem em nossa sociedade e instituições, principalmente em nossas escolas públicas que é um dos principais ambientes com grande potencial em promover a mudança em nossa sociedade.

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história (KRENAK 2019, pg. 11).

E é isso que continuamos a reproduzir para esses alunos, de que a população negra precisa ir de encontro a esse projeto civilizatório que teve início no século passado, esse projeto que mata, seja física ou simbolicamente todos os dias jovens negros, seus sonhos e possibilidades. Boa parte da descrição do censo escolar, em relação a infraestrutura da escola, não fala de metade das grades existentes nela, e nem que boa parte dos espaços descritos estão inativos ou não existem mais. Ou que, de todas as salas de aulas, apenas uma tem uma porta (quase) inteira, o resto não tem porta ou estão pela metade, e que as salas alagam toda vez que cai uma chuva fraca. Não se fala que estudantes são obrigados a terem aula em salas que chovem enquanto o professor leciona, pois as “aulas” tem que continuar, e tudo tem que ser passado como se estivesse em perfeita ordem para a Secretaria de Educação, pois correm o risco de serem fechadas, além de passar pelo processo de sucateamento e evasão escolar, não se pode “reclamar” muito, pois todo final de ano letivo uma escola do Estado da Bahia corre o risco de fechada e seu corpo escolar redistribuído.



Atrelada às péssimas condições estruturais e materiais no ambiente de trabalho (para alunos e professores), ameaça de fechamento, alguns docentes<sup>8</sup> reproduzem discursos que “condenam” o destino dos alunos, pois como dito, estes estudantes, em sua maioria, moram em bairros pobres onde o tráfico e o poder público disputam espaço, com isso alguns estudantes são vistos como condenados a determinado lugar social “*alguns deles não vão nem se aposentar, pois morrerão antes pelo tráfico, preciso me preocupar é com a aposentadoria do meu filho*”, “*não preciso ensinar muito, pois vão ser caixa de supermercado e não vão entrar em algum curso das às universidades públicas*”, como tantas outras falas ditas cotidianamente. Entendo que a ação pedagógica como afirma Bourdieu (2018) é uma violência simbólica inserida num contexto social, na base de um poder arbitrário, compreendendo que os professores também são ferramentas utilizadas para a continuação de um projeto de uma educação de péssima qualidade em que sua grande maioria é composta por uma população preta e pobre, uma educação que aliene, e (desin)forme mais subalternos.

A escola eleita para esse estudo chama atenção pelas condições referentes às tecnologias digitais existentes para professores e alunos. No censo escolar de 2018 estava declarado que havia uma sala de informática, acesso à Internet e banda larga, contudo, a sala é um depósito de poucos computadores quebrados onde está localizada a máquina de xerox da unidade escolar. O Governo do Estado da Bahia entregou na escola os aparelhos de *Chromebooks*<sup>9</sup> para uso dos professores, no entanto a falta de infraestrutura que o próprio Estado disse que disponibilizaria com um novo cabeamento de Internet e banda larga não aconteceu e, no final, os aparelhos foram parar neste ambiente impróprio, sem uso, defasando.

Quanto aos alunos, estes andam com os seus aparelhos como se fossem partes dos seus corpos e repassam informações e imagens a todo o momento, muitas vezes atrapalhando o fluxo das aulas. De olho na presença da tecnologia no ambiente escolar os professores buscam trabalhar com os celulares em sala de aula para auxiliar nas pesquisas, entretanto, as restrições quanto à rede de

---

<sup>8</sup> Ressaltando que os professores também vivem e muitos vieram destas mesmas condições, sem falar do ambiente de trabalho a que estão submetidas, em nenhum momento romantizarei o exercício da docência.

<sup>9</sup> São computadores que funcionam com sistema Chrome OS, do Google, adquirido em uma parceria do governo do Estado da Bahia com a empresa Google.

Internet acaba por não facilitar essa possibilidade de integração entre o material didático disponível e a nova realidade, desde a chegada do uso de tecnologias na escola. A Internet na unidade escolar mal funciona e não é aberta para a comunidade acadêmica, com isso os alunos acabam usando os seus pacotes de dados móveis e outros tentam “caçar” a senha da rede. Para ter acesso à Internet da escola é preciso fazer uso de algum notebook e isso só é possível se o docente levar o seu próprio computador e modem pessoal para a escola, ou utilizar um notebook defasado, que só funciona se estiver ligado na tomada porque não tem bateria, além disso deve-se ficar em uma sala que é uma mistura de depósito de livros didáticos e onde deveria ser também uma sala de vídeo e retroprojeto.

Em suma, analisar esse contexto através dos memes, é entender que o trabalho feito pelo/atraves do Estado é de muitos modos de apagamento já que num momento possibilita a compra de novos computadores e a chegada de melhorias que na teoria possibilitaria a estes estudantes acesso a novas tecnologias ou acrescentaria estas tecnologias as suas realidades, e noutro momento, esse mesmo Estado tira destes estudantes a possibilidade de usufruir dos seus direitos quando não oferece amplo acesso à Internet. Estes estudantes e a sua cultura acaba criando modos de resistência dentro desse ambiente e trazem as pautas do mundo da Internet e do Instagram para o mundo físico. Dito isto é entender a cultura do celular e a sua circularidade neste ambiente.

## **2.1. Em campo**

Estive em campo durante o ano letivo de 2019, nas salas de aula das turmas de 1ª e 3ª ano do ensino médio do turno vespertino, onde acompanhei a rotina da escola, alguns projetos, o dia a dia dos alunos, estudantes que estão na faixa etária de 14 a 21 anos, apliquei questionários para as três turmas de 1ª ano e as duas turmas de 3ª ano, assim como para aos professores destas turmas. A escolha dos alunos do ensino médio deu-se pela faixa etária, geralmente grande parte dos estudantes nessa faixa de idade já trabalha e tem o próprio aparelho celular o que facilitaria na realização da pesquisa, outro fato importante é que estão em fim de ciclo escolar e podem colaborar com reflexões acerca do processo educacional a que foram submetidos.

A maior parte das salas têm presença de 35 a 40 estudantes, contudo, é notado um esvaziamento em determinadas disciplinas, isso deixa transparecer como o ambiente escolar e a sala

de aula em específico tem se tornado um lugar desinteressante com o passar dos anos. Embora exista uma comunidade escolar comprometida há o sucateamento da educação e uma exaltação exacerbada da virtualidade como resolução de todos os problemas presentes na escola e isso certamente tem afetado de modo contundente as escolas públicas. O discurso gira em torno da premissa de as escolas precisam acompanhar os avanços tecnológicos, e que uma escola que não tem em seus espaços lousa virtual, entre outros equipamentos de alta tecnologia contribuiria para o desinteresse e defasagem do ensino. A educação, como afirma Freire (1980), parte da conscientização do aluno, da formação crítica do sujeito, saindo da passividade perante o contexto, assumindo o seu papel de agente histórico.

As turmas de 3ª ano do ensino médio têm salas sempre vazias nos primeiros horários, não pelo desestímulo e falta de interesse, mas porque alguns desses estudantes saiam do trabalho e faziam uma jornada dupla, indo direto para escola e nunca conseguiam chegar a tempo de acompanhar as primeiras aulas. A exemplo de uma turma do 3ª ano, que nos primeiros meses do ano letivo tinha a aula de filosofia no primeiro horário sempre vazia e numa sala com 40 alunos tinham no máximo 04 alunos por aula. Fica óbvio o projeto de precarização do ensino e da educação pública no Brasil, como afirma o sociólogo Darcy Ribeiro “A crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto”, pois as disciplinas da área de ciências humanas ao longo dos anos estão sendo desvalorizadas, como a filosofia, história, geografia, sociologia que podem ajudar a mudar e questionar as estruturas nas quais foram formadas esses país e alimentada todos os dias. Com a nova reforma<sup>10</sup> do ensino médio esse contexto se torna mais sombrio, causando danos a avanços feitos na educação no campo das humanidades.

Quanto aos questionários estes foram aplicados para 140 alunos do ensino médio, contendo perguntas relacionadas a gênero, se autodeclarados negro ou não, idade, tempo em que permanecem conectados à Internet, racismo, dentre outras (ver anexo A). Foram escolhidas dentro do escopo da investigação dez estudantes para entrevista, sendo cinco do 1ª ano e cinco do 3º ano.

---

<sup>10</sup> A reforma do novo ensino médio de Lei nº 13.415/2017, que institui as alterações, estabelece maior integração e flexibilidade curricular e a oferta de itinerários formativos, contudo tem um caráter neoliberal e excludente. Com o aumento da carga horária para tempo integral muitos alunos de escola pública trabalham, e o currículo tem um caráter tecnicista profissionalizante.

Da mesma forma foram entregues os questionários para os professores destas turmas, porém alguns se negaram a responder, pois haviam questões relacionadas a racismo, sendo alegado por alguns que “o racismo só existe porque as pessoas não param de falar”, ficando nítido como ainda há um grande entrave em se discutir às questões raciais no Brasil, como também a aversão a pesquisas acadêmicas dentro do campo das ciências humanas, reflexo das últimas disputas políticas de 2018, que polarizou todos os espaços e relações, negando a ciência, principalmente tudo que venha das universidades públicas.

Em contraposição a isso vemos dentro do meio acadêmico e fora dele debates e discursos em que a escola se afirma como um espaço importante de construção de novas perspectivas para enfrentamento do racismo e descolonização da educação. Importante dizer que a escola é um “campo minado” muitas vezes “um ringue” de disputas políticas ideológicas em que o que se é construído no meio acadêmico às vezes não chega às escolas, seja por algumas pesquisas ficarem presas nas bibliotecas universitárias ou pela resistência de alguns professores da escola em trabalhar determinados temas em suas aulas. O maior e mais contundente exemplo disso é a resistência em se trabalhar à Lei 10.639/03 acrescida da Lei 11.645/08 que nas escolas virou tema de debate apenas no Novembro Negro que por vezes se confundem com questões de ordem religiosa.

Quando estas meninas e meninos folheiam o livro didático, ou assistem às aulas expositivas fica ainda mais evidente o distanciamento da História<sup>11</sup>, do currículo, já que a produção de conhecimento não trata sobre eles e elas, e as teorias estão distantes dessas realidades. Mesmo com tantos discursos de uma educação multiculturalista atravessada por leis afirmativas citadas anteriormente, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio<sup>12</sup>.

Para bell hooks (2019).

Apesar de o multiculturalismo estar atualmente em foco em nossa sociedade, especialmente na educação, não há, nem de longe, discussões práticas suficientes acerca de como o

---

<sup>11</sup> Nesse estudo sempre enfatizo o campo da História não porque seja uma disciplina específica a ser trabalhada nesse estudo, pois observei a todas as aulas, mas por conta da minha formação enquanto professora e observadora do campo da História.

<sup>12</sup> Tais leis refletem a busca de alguns estudiosos brasileiros por uma construção historiográfica longe dos moldes eurocêntricos da história.

contexto da sala de aula pode ser transformado de modo a fazer do aprendizado uma experiência de inclusão. (hooks, 2019, p. 51).

Observamos que nas respostas aos questionários alguns professores se autodeclararam pardos, morenos, mestiços; mais adiante, no meio preenchimento do questionário, já afirmavam se ver como morenos ou mestiços, justificando com o discurso da mestiçagem o porquê de não se reconhecerem enquanto indivíduos negros.

Me reconheço como uma pessoa mestiça, pois nossa colonização trouxe o branco que encontrou o nativo “índio” e trouxe os africanos escravizando-os. (S.A. docente)

Fica perceptível a problemática da autoafirmação e construção da identidade, posto que ser negro no Brasil ainda é visto por alguns indivíduos como algo inferior, um problema, um “fantasma escravista” que assombra a sociedade. Como afirma Mbembe,

[...] a raça é ademais um complexo perverso, gerador de temores e tormentos, de perturbações do pensamento e de terror, mas sobretudo de infinitos sofrimentos e, eventualmente, de catástrofes. Em sua dimensão fantasmagórica, é uma figura da neurose fóbica, obsessiva e por vezes, histérica (MBEMBE,2019, p. 27).

Do mesmo modo, o processo do colonialismo também ajudou a produzir uma visão idílica do indígena na História.

Me reconheço como um indivíduo miscigenado. Tenho na minha formação genética o preto, o branco e o indígena, com uma carga indígena maior. (A.O. docente)

Notei em campo que o discurso nas redes sociais de que as políticas de ações afirmativas tratam os negros como “incapazes” virou uma espécie de “clichê”, algo complexo na relação que alguns professores estabelecem com os alunos e alunas. Vendo docentes reproduzirem que a lei de cotas raciais é algo negativo, ou um nivelamento por baixo do indivíduo negro, negando todo o processo escravista na História do Brasil, e de invisibilidade que a população negra passou e passa.

Além de alguns professores não se reconhecerem enquanto negros, o olhar que estes têm sobre esses alunos não é o olhar de que ali há uma criança ou um adolescente. É sempre “*já tem idade pra isso*” e nesse processo nega-se a esta menina e menino negro o direito de ser criança ou adolescente. Lembro da fala da escritora e artista Grada Kilomba(2019) quando relata que foi a uma consulta médica e o profissional que a atendeu perguntou se ela não queria limpar a sua casa, sendo que essa pergunta nunca seria feita a uma menina branca em um consultório. À criança branca lhe é

garantido todos os direitos quando se nasce, mas ao negro naturalizaram lugares subalternos e de servidão.

Pode-se dizer que a raça é simultaneamente imagem, corpo e espelho enigmático no interior de uma economia das sombras, cujo atributo precípua consiste em fazer da própria vida uma realidade espectral. Fanon compreendia isso, e mostrou como, além das estruturas de coerção que presidem a organização do mundo colonial, o que constitui a raça é, antes de mais nada, um certo poder do olhar, que é acompanhado por uma modalidade da voz e, eventualmente, do toque. (MBEMBE 2019 p. 197)

Dentro do campo da Internet essa comoção com as questões referentes ao sofrimento de pessoas brancas está sempre sendo naturalizada, como por exemplo, a reação dos usuários das redes sociais em outubro de 2012<sup>13</sup> com a história do “mendigo gato”<sup>14</sup> na cidade de Curitiba, Paraná. Este rapaz em condição de rua, branco, loiro, de olhos azuis, foi visto e ajudado por alguém que se apiedou da situação dele e postou a foto em uma rede social, gerando na mesma hora uma comoção nacional. As imagens dele viralizaram nas redes sociais, sendo até matéria de jornal de alcance nacional, o homem tornou-se modelo e desfilou para marcas de expressão.

O debate central em torno desse episódio diz respeito ao fato de que a maior parte da população de rua no Brasil é negra, e não recebe a mesma atenção que um cidadão branco vivendo nas ruas provoca. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o número de pessoas em situação de rua no Brasil cresceu 140% entre 2012 e março de 2020, chegando a quase 222 mil pessoas, sendo total de 81,5% da população em situação de rua está em municípios com mais de 100 mil habitantes, principalmente das regiões Sudeste 56,2%, Nordeste 17,2% e Sul 15,1%.

Em cada esquina vemos o reflexo do processo escravista no Brasil, vemos vários homens, mulheres e crianças negras em condição de rua com problemas de saúde mental e não há comoção em relação a isso. Muito pelo contrário, como dito acima a sociedade naturalizou espaços marginais, carcerários e subalternos para a população negra, para o lugar do adoecimento, da condição de rua e a saúde mental dessa população não causa nenhuma comoção nem política pública específica.

No processo da pesquisa realizei uma dinâmica com as turmas que consistia em escrever uma palavra no quadro e depois pedi que registrassem no papel e ao lado a primeira coisa que vinha

---

<sup>13</sup><https://www1.folha.uol.com.br/internacional/es/saopaulo/2012/10/1171773-ex-modelo-mendigo-gato-de-curitiba-se-ha-convertido-en-un-hit-en-internet.shtml>

<sup>14</sup> Rafael Nunes, 39 anos.

a mente deles/delas ao ver/ler essas palavras. Em sua maioria quando colocado à palavra negro, havia associação à figura do escravo, marginal, ladrão já quando colocado à palavra branco, homem branco ou mulher branca associavam a beleza e riqueza.

Como afirma Foucault (1995) à palavra é efeito do próprio pensamento por isso mesmo, nenhum signo surge, nenhuma fala se enuncia nenhuma palavra ou nenhuma proposição jamais visa algum conteúdo senão pelo jogo de uma representação que se põe a distância de si.

(...) se desdobra e se reflete numa outra representação que lhe é equivalente. As representações se enraízam no mundo do qual tomariam emprestado seu sentido; abrem-se por si mesmas para um espaço que lhes é próprio e cuja nervura interna dá lugar ao sentido. E a linguagem está aí, nessa distância que a representação estabelece consigo mesma. As palavras não formam, pois a tênue película que duplica o pensamento do lado de sua fachada; elas o lembram, o indicam, mas primeiramente em direção ao interior, em meio a toda esta representação que representam outras. Muito mais do que se crê, a linguagem clássica está próxima do pensamento que ela é encarregada de manifestar; não lhe é, porém, paralela; está presa na sua rede e tecida na trama mesma que ele desenvolve. Não é efeito exterior do pensamento, mas o próprio pensamento. (FOUCAULT, 1995, p. 93-94.)

Em continuidade a dinâmica quando as palavras utilizadas fazia referência às religiões de matriz africana ficava ainda mais evidente a associação a coisas *ruins, demonizadas e marginais*, nas palavras deles. O mais contraditório e o que chama atenção a uma simples atividade é que muitas palavras estavam associadas a eles e elas, aos seus corpos, cotidiano, contexto, religião, contudo o que vinha na cabeça e exposto no papel era sempre uma resposta negativa, depreciativa, racista, com “piadas” sendo feitas em meio à atividade como expressão do famigerado *racismo recreativo*. Após o término da dinâmica da escrita, abri para o debate, analisando palavra por palavra junto a eles e elas. Nesse momento, muitos se questionaram para o fato de que as palavras os refletiam, seu cotidiano, seus cabelos, corpos, religião e começaram a perceber que eles reproduziam a violência ao colocar determinadas respostas. Alguns acabaram por mudar algumas respostas, declarando que agora aquelas que seriam as certas. Uma fala me chamou atenção: ao perguntar a um aluno o que fazia ele se reconhecer enquanto negro, o mesmo afirmou;

O jeito que eu vivo, a minha realidade, a minha cor, viver em uma periferia, baixa renda. Mas mesmo assim eu me orgulho por ser negro, olho para os meus antepassados e vejo o quanto eles lutaram. Mesmo que eu esteja nessa situação, é muito melhor do que antes. (B.S 18 anos)

É perceptível porque tantos meninos e meninas negros ainda tem problema com o espelho, seja ele físico ou mental. Mbembe (2019) traz uma reflexão sobre a palavra negro, pois ela carrega ecos não somente da violência e morte simbólica, mas também a morte dos corpos pretos refletidos nas estatísticas vivida todos os dias.

(...) o nome “negro” foi, desde sempre, uma forma de coisificação e de degradação. Seu poder era extraído da capacidade de sufocar e estrangular, de amputar e castrar. Aconteceu com esse nome o mesmo que com a morte. Uma íntima relação sempre vinculou o nome “negro” à morte, ao assassinato e ao sepultamento. E, óbvio, ao silêncio a que deveria necessariamente ser reduzida a coisa – a ordem de se calar e de não ser visto. (MBEMBE 2019, p. 264)

Compreendemos a partir disto como a construção da palavra negro no imaginário do jovem negro ainda é condicionada a algo ruim, feio, marginal, pois esse é o reflexo da violência que a população preta e periférica desse país sofre há séculos. Muitos estudantes compartilham imagens, piadas, palavras, ditas de humor com pessoas negras e ao serem confrontados percebem associações com o que está representado e muitas vezes discriminado, com isso o que no começo da dinâmica de associação de palavras era uma algazarra, criou-se o desconforto e o silêncio ecoou na sala.

## **2.2. Quem são esses jovens**

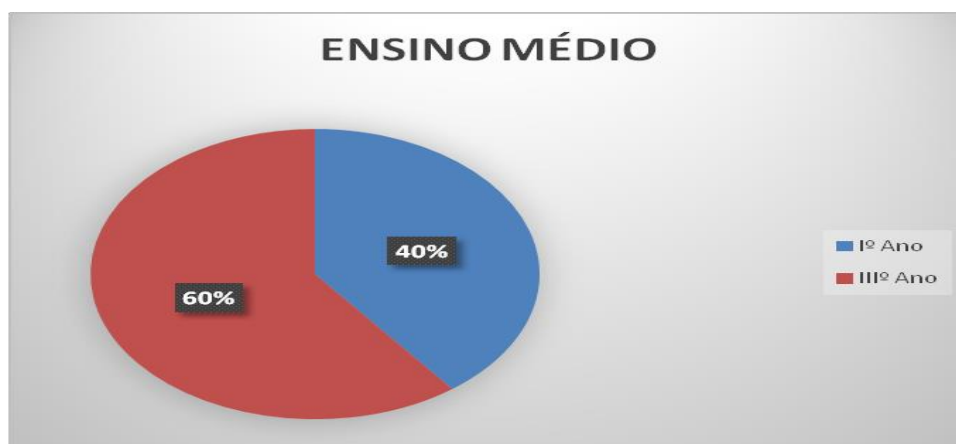
Ser jovem, negro e periférico nesse país é viver em constante alerta para não se tornar mais uma vítima do etnocídio e entrar para uma triste estatística social que só faz aumentar nos últimos anos. Segundo o IBGE, entre 2012 e 2017, foram registradas 255 mil mortes de negros por assassinato, em proporção, negros têm 2,7 mais chances de ser vítima do que brancos. Queremos saber quem são esses jovens negros – autodeclarados ou não-, conhecer essa geração que estava sendo beneficiada por uma política de reparação social e entender o projeto colonialista que vem se fortalecendo todos os dias, se travestindo das formas mais cruéis possíveis, tendo o aval do Estado brasileiro como financiador. Como afirma Roshani,

A exclusão da juventude afrodescendente na Colômbia e no Brasil a torna suscetível ao envolvimento na violência bem como ao uso e abuso de forças armadas ilegais e estatais. Números crescentes de jovens afrodescendentes não violentos se tornaram vítimas de assassinato e abuso físico pelos agentes armados estatais e ilegítimos (ROSHANI 2020, pg. 43).



No contexto do bairro da Caixa D'água e adjacências não é diferente, como visto anteriormente, no bairro da Caixa D'água, Liberdade e nos bairros que cercam o Colégio Carneiro Ribeiro-Classe IV e as outras Classes também se vê o reflexo desse envolvimento na violência como relata Roshani (2000).

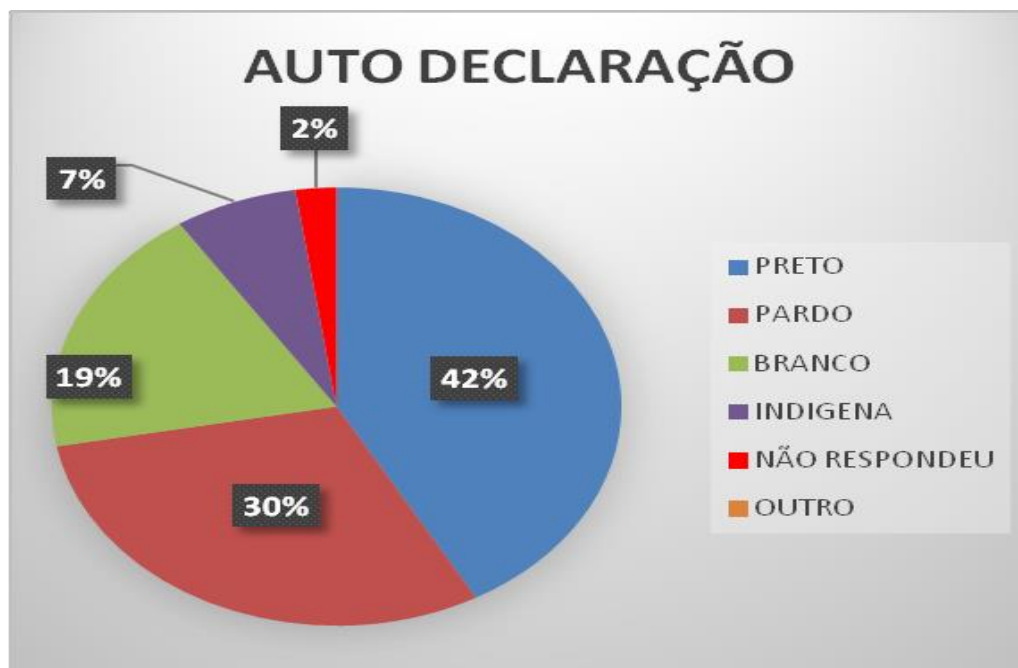
Após aplicação do questionário entre os estudantes do 1ª e 3ª do ensino médio do turno vespertino, debrucei-me sobre a leitura e análise desses dados. Esses adolescentes têm entre 15 e 21 anos<sup>15</sup>, moradores da Caixa D'Água e adjacências, que ficam mais de 6 horas por dia no celular navegando na internet, inclusive nos horários de aula, navegando nas redes sociais, seguindo personagens que compartilham no Instagram, que trabalham. Sessenta por cento dos alunos que responderam e entregaram o questionário foram alunos do 3º ano e os outros quarenta por cento eram do 1º ano.



Em campo, inicialmente pensei em entrevistar somente pessoas que se autodeclaravam pretas. No decurso desta pesquisa, acabamos por tomar outro rumo quando observamos os espaços e os discursos dos sujeitos inseridos nesse contexto, como também a resposta a perguntas relacionadas ao racismo. Ao analisar os questionários aplicados entre os estudantes e professores, um número expressivo de estudantes se autodeclararam pardos (como relatado no gráfico abaixo).

---

<sup>15</sup> Há uma disparidade entre idade e série muito grande. Alguns do 1ª ano com 21 anos, como também alunos de 21 anos no terceiro ano com comportamentos adolescente.



**Gráfico de autodeclaração**

Afirmando que não se reconheciam enquanto indivíduos negros, lançando mão do discurso da mestiçagem ou tentando justificar através do tom da pele, hoje tratado como colorismo. Sobre a questão racial no Brasil em comparação com os Estados Unidos, Telles (2003) diz que:

Nas interações sociais, os norte-americanos e brasileiros continuam a usar a cor da pele como forma de avaliar o comportamento e o valor das pessoas. No entanto, as semelhanças entre os sistemas raciais desses dois grandes países multirraciais não vão muito, além disso. Em primeiro lugar, porque a grande maioria das pessoas com ascendência africana nos Estados Unidos é classificada como negra. No Brasil, muitas pessoas que são classificadas ou se identificam como brancas possuem ascendência africana. Portanto, a raça no Brasil se baseia principalmente na cor da pele de uma pessoa e sua aparência física e não na descendência africana. Essa diferença entre os dois países e muitas outras derivam de duas ideologias de sistema modernos de relações raciais distintas. Embora ambos os sistemas raciais tenham raízes na ideia da supremacia branca, suas respectivas ideologias e padrões de relações raciais resultam em formas radicalmente diferentes que respondem a forças históricas, políticas e culturais distintas, ao olhar todos esses cenários que estão sendo montadas, como; a sociedade questionando as suas estruturas, instituições, e por que não a História e suas narrativas colonialistas e os seus personagens. (TELLES 2003, p. 16.)

A narrativa da mestiçagem foi utilizada por professores e alunos. Aqueles estudantes que se declararam negros sempre traziam a narrativa de algum episódio de racismo sofrido. A maioria

dos relatos não era de racismo velado, mas sim explícito e como sempre violento, evidenciando que muitos ainda não perceberam a subjetividade das estruturas racistas no Brasil.

A escolha dos sujeitos para o trabalho da entrevista foi feita a partir de fatores contidos nas respostas dadas nos questionários previamente aplicados, como a autodeclaração, casos de racismo relatados, a opinião referente ao espaço virtual enquanto democrático ou não, a relação que estabeleciam com os espaços offline e online, as respostas contraditórias aos os dados declarados como essa fala a seguir.

Não que eu me lembre, mas já tive que mudar minha aparência, como corte de cabelo para garantir que nada de ruim acontecesse. Eu me considero parcialmente negro (L.A. 17 anos)

Ao observar algumas aulas, notei que muitos professores ainda reproduzem o discurso racista. É algo tão intrínseco que alguns pensam que ser racista se resume somente a comparar um homem e uma mulher negra a um *macaco*, ou tudo se resolve em “*vamos parar de falar que isso desaparece*”, naturalizando pensamentos sobre miscigenação e outros episódios raciais. As discussões trazidas por Schwarcz (1993) sobre o pensamento de branqueamento em que “*o país era descrito como uma nação composta por raças miscigenadas, porém em transição*” através da miscigenação ainda é um discurso atual no Brasil e nas escolas públicas, sendo este último o mais assustador.

Com tantos discursos sobre mestiçagem, ou que racismo seja “mimimi” pergunto-me quando irão se questionar qual seria o nosso papel enquanto professor nesse cenário? Segundo bell hooks (2019)

Para que o esforço de respeitar e honrar a realidade social e a experiência de grupos não brancos possa se refletir num processo pedagógico, nós, como professores- em todos os níveis, do ensino fundamental à universidade -, temos de reconhecer que nosso estilo de ensino tem de mudar. Vamos encarar a realidade: a maioria de nós frequentamos escolas onde o estilo de ensino refletia a noção de uma única norma de pensamento e experiência, a qual éramos encorajados a crer que fosse universal. Isso vale tanto para professores não brancos e brancos. A maioria de nós aprendemos a ensinar imitando esse modelo. (hooks 2019, p. 51.)

Ainda há uma reprodução da história dos “vencedores”, dos muitos mitos que insistem em ser inquestionáveis nas escolas, fazendo com que o indivíduo dessa comunidade perca as suas referências culturais ou nunca as conheça, passando a não se reconhecer no seu próprio meio, história, cultura, reproduzindo e tendo como referência a cultura do “dominante”, não vendo sentido

histórico em seu passado, distanciando-se do que seriam as suas referências históricas e culturais, na contínua formação da sua identidade e reproduzindo muitas vezes pensamentos racistas.

A miscigenação enquanto discurso de “melhoramento da raça” atacou de forma direta os corpos e cabelos de mulheres e homens negros. Essa atual geração por lidar com a relação entre a Internet e o mundo físico, tem recebido uma grande influência da chamada ‘geração tombamento’ que vem ganhando destaque nas redes sociais através da música, dos cabelos, discursos, corpo, influenciando comportamentos.

Na atualidade vemos estudantes e professores ostentando os seus cabelos crespos, cacheados, coloridos, tranças, passando por transições capilares que são curtidas e compartilhadas no Instagram, uma rede social que reflete e é espaço para que esses novos comportamentos se propaguem e atinja de forma mais rápida o [emPOderamento] negro. Importante pensar que esse empoderamento que muitas vezes soa como o discurso liberal não se restrinja a produção e consumo de produtos estéticos, a população negra luta pelo direito de existir, questão essa que quem carrega o discurso do “empoderamento” nunca vai saber.

No entanto, ainda há muitos ataques racistas contra a estética negra, na tentativa de silenciar e sufocar tais protagonistas, seja na rede social, como também nos comentários de professores fazendo piadas racistas com os cabelos blackpower dos alunos, coloridos. Um exemplo disso foi a viralização das imagens como a da Wendie Renard, zagueira da seleção da França, em que jogava com o seu cabelo crespo solto em campo e virou motivo de ataque racista nas redes sociais<sup>16</sup>. Ficando ainda mais nítido como a presença de corpos racializados incomodam ao ocupar determinados lugares, ainda mais se forem mulheres pretas em espaço que já foi predominantemente masculino e branco.

Apesar de manifestações racistas terem sido amplamente identificadas como prejudiciais para a saúde física e mental das pessoas que são condicionadas a elas, Jeremy Waldron (2012) argumenta que as pessoas em posições desprivilegiadas são aquelas que são diretamente afetadas. Entretanto, o discurso de ódio é um ataque direto à dignidade das pessoas e um fator primordial na desumanização das populações direcionadas. As características difamatórias e humilhantes do discurso racista causam diminuição dos níveis de autoestima nas pessoas submetidas a elas, [consequência] resultante de um processo de internalização, continua Waldron. Donna Bivens (2005) define o racismo internalizado como um fenômeno que faz com que pessoas de um grupo subordinado acreditem na

---

<sup>16</sup><https://oglobo.globo.com/celina/o-que-os-ataques-racistas-sobre-cabelo-de-francesa-que-tirou-brasil-da-copa-dizem-sobre-nosso-pais-23759832>

mensagem distorcida criada pelo grupo racial dominante que eles são inferiores. (ROSHANI 2020, p.45)

A autoidentificação, e/ou autoafirmação é um processo que evoca um período de ressentimento e submissão no imaginário dos homens e mulheres negros e negras. No Brasil, a palavra negro traz em si ecos de uma figura associada à posição de sujeito a um senhor. Segundo Mbembe (2019) a palavra negro foi vinculada a morte. A palavra sempre remeterá a algo, ao que foi atribuído a ela, ao me dar conta do que sou e do espaço que ocupo como podemos pensar sobre o que somos a partir do que o outro fez de nós? Como podemos estar sempre nos reinventando em tantas disputas ideológicas, tantas disputas de narrativas? Nessa esteira de pensamento, percebemos como é difícil a autodeclaração por parte dos professores como também dos alunos. Fanon (2008) elucida ao trazer a questão do auto-ódio e como isso também traz a aversão ao semelhante. Diante disso, ao ver professores negros reproduzirem o discurso que vai contra a existência dele enquanto indivíduo negro (até porque muitos se autodeclaram pardos ou morenos) queremos perceber como isto se reflete nos estudantes negros.

Com isso ao observar a conversa na sala dos professores, a fala de Paulo Freire ecoa em meus pensamentos, em que “o sonho do oprimido é se tornar opressor” (2010, pg. 20). E essa *Pedagogia do Oprimido* é retroalimentada diariamente, porque a escola continua sendo lugar de silenciamentos em vez de insurreição. A educação está longe de ser uma prática desinteressada; a escola é uma construção cultural, e como tal deve estar aberta ao trabalho com as referências e vivências dos seus alunos, trazendo em seus currículos e práticas uma pedagogia democrática.

### **3. Ciberdemocracia: Internet, ciberespaço e cultura.**

A sociedade marcada pela tecnologia e comunicação não se inaugura com o acesso à Internet. Ao longo da História o conhecimento foi em muitos momentos baseados na oralidade, escrito em pedras de argila, papiros e imagens. O uso da prensa por Gutemberg<sup>17</sup> em 1450 inaugurará outra forma de experienciar a comunicação e a divulgação do conhecimento, sendo um divisor de águas para a sociedade ocidentalizada.

A replicação da palavra impressa inaugura um processo global de acesso à informação, tendo a reprodução de livros em maior escala, revolucionado a tecnologia e a comunicação. Séculos depois a Internet também inauguraria e revolucionaria as telecomunicações em caráter global, aproximando o mundo de forma mais rápida, mas nem sempre democrática.

A produção e a difusão da informação se deram, primeiramente, pela tradição da cultura oral, armazenada nos manuscritos e repassada por leituras coletivas em comunidades ou grupos restritos. Com o desenvolvimento dos transportes e do comércio, no século XV, essas informações deixaram um pouco de sua restrição para chegar a outras comunidades mais distantes. Foi nessa época, também, que houve uma busca cada vez maior pelo conhecimento e, no século XVII, foram criadas as primeiras universidades. Um dos principais marcos da propagação das informações, especialmente para o ramo das comunicações, foi o desenvolvimento da prensa gráfica, a partir de Gutemberg por volta de 1450, dando início à comunicação de informações a um número maior de pessoas. A imprensa, com seu desenvolvimento espetacular nos séculos seguintes, é considerada a primeira mídia de massa propriamente dita, criando um hábito de leitura e um interesse maior na busca pela informação. Nos séculos XIX e XX, houve a ascensão da indústria do jornal, que aprimorou a atividade de coleta e de distribuição da notícia e fez surgir profissionais do ramo e internacionalizou a informação. (KOHN, MORAES 2007, p.3)

Compreender este século é analisar a influência da Internet e das mídias sociais como objetos da História, compreender o sujeito em seu tempo, em que o presente se anuncia numa intensa relação entre o online e o offline, ou como afirma Levy (2017) entre o virtual e o atual.

---

<sup>17</sup> A prensa de tipos móveis foi inventada pelo alemão Johannes Gutemberg por volta de 1450, com base nas prensas de vinhos. A técnica de impressão já existia na China e no Japão (acredita-se que desde o século VIII), porém, o método usado era diferente, chamado de “impressão em bloco” usando um bloco de madeira talhado, para imprimir uma página com determinado texto. Essa técnica era mais adequada para alfabetos constituídos de vários ideogramas, possivelmente por esse motivo não foi tão difundido na China do século XI como na Europa, que possuía um alfabeto com limitados números de caracteres. Ressalta-se ainda que os blocos feitos de madeira tinham uma qualidade inferior aos metálicos, pois se desgastavam.

Um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação, mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência. A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do “nós”: comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual.(LEVY 2017, p. 11)

Ou como afirma Lohn (2019), pois analisar a História do tempo presente é ver o processo da contemporaneidade sendo construído, e sua relação com a política e a dimensão cultural.

Esses estudos permitem, portanto, o esforço de compreender o campo político no tempo presente como dimensão cultural, ou seja, integrante das práticas e representações historicamente construídas na sociedade ocidental. Em decorrência, abre-se a oportunidade de ampliar a compreensão de uma abordagem por vezes entendida como desgastada: a cultura política. Tomada como a dimensão da cultura que compreende o conjunto de representações e significados que compõem o processo político, segundo classificações e regras partilhadas, produzindo os sentidos necessários para as negociações e intercâmbios entre os grupos sociais, a categoria cultura política tem sido retomada como parte do esforço de análise da complexidade contemporânea. (2019 p. 16)

A História não precisa ficar restrita somente ao passado, entendendo a dimensão cultural e a sua circularidade no campo online.

Os primeiros computadores surgem na década de 1940 na Inglaterra e nos Estados Unidos da América(EUA) e são restritos para uso militar e cálculo científico. Diferente dos computadores atuais, os primeiros ocupavam grandes salas, lembrando muitas vezes os filmes de ficção da época, é só a partir dos anos 70 inspirados na contracultura do período que a automação industrial começa a tomar outro rumo e os computadores deixam de se restringir somente ao campo militar, às pesquisas científicas, bancos e grandes empresas, sendo inventados os computadores pessoais, como lembra Levy (1999).

A virada fundamental data, talvez, dos anos 70. O desenvolvimento e a comercialização do microprocessador (unidade de cálculo aritmético e lógico localizada em um pequeno chip eletrônico) dispararam diversos processos econômicos e sociais de grande amplitude. Eles abriram uma nova fase na automação da produção industrial: robótica, linhas de produção flexíveis, máquinas industriais com controles digitais etc. Presenciaram também o princípio da automação de alguns setores do terciário (bancos, seguradoras). Desde então, a busca sistemática de ganhos de produtividade por meio de várias formas de uso de aparelhos eletrônicos, computadores e redes de comunicação de dados aos poucos foi tomando conta do conjunto das atividades econômicas. Esta tendência continua em nossos dias. 30 Por outro lado, um verdadeiro movimento social nascido na Califórnia na efervescência da “contracultura” apossou-se das novas possibilidades técnicas e inventou o computador pessoal. Desde então, o computador iria escapar progressivamente dos serviços de processamento de dados das grandes empresas e dos programadores profissionais para tornar-se um instrumento de criação (de textos, de imagens, de músicas), de organização (bancos de dados, planilhas), de simulação (planilhas, ferramentas de apoio à decisão, programas para pesquisa) e de diversão (jogos) nas mãos de uma proporção crescente da população dos países desenvolvidos. (LEVY 1999, p. 33 e 34)

A partir dos anos 80 os computadores vão deixando de pertencer somente ao meio industrial e toma cada vez mais o papel de telecomunicações. Nos anos 90 começa um maior acesso da população civil aos computadores pessoais e ao universo das mídias como música, filmes, televisão, revistas, games e logo depois esse *boom* cultural vai se estabelecer nos anos 2000.

Atualmente, termos como ‘Internet’ e ‘web’ são muito populares e geralmente tratados como sinônimos, contudo é na rede de computadores em que essas plataformas de web existem. Essa rede vai destacar-se na área das telecomunicações, chegando de forma mais rápida a população do que os antigos meios de comunicação de massa como jornal, rádio, TV e revistas.

Enquanto isso, um número cada vez maior de pessoas comprava computadores pessoais. Foram 38 anos até que o rádio atingisse 50 milhões de usuários no mundo e 16 para que o computador atingisse o mesmo número. A televisão levou 13 anos, e a Internet somente 4. Hoje, aproximadamente 2,4% da população mundial usa a rede mundial de computadores (Internet). Seja para a comunicação pessoal ou institucional, com fins lúdicos, profissionais ou estratégicos, seja para o comércio eletrônico, como atividade-fim ou atividade-meio, a Internet é um novo meio de comunicação, uma nova mídia, que, com certeza, está aí para ficar. Ela não substituirá a carta, o telefone, o rádio e nem mesmo a televisão. Ela junta-se a todos estes outros meios na escalada conjunta dos avanços tecnológicos do capitalismo e das formas de vida que acompanham o seu desenvolvimento. (EISENBERG 2003, p. 2)

Contudo não podemos pensar que a rapidez que a Internet chega à boa parte da população é algo democrático, de acesso a todos e a todas as camadas sociais, ao contrário, ela vai escancarar ainda mais o abismo social em que vivemos. A Internet e a sua virtualidade trazem em si relações e experiências únicas em que o mundo não irá somente se resumir ao geográfico, ao chão que nos pisamos.

Do ponto de vista ontológico, a Internet não cria nada de novo que não existisse antes a não ser ela mesma, uma rede mundial de computadores conectados eletronicamente, com diversos instrumentos de comunicação humana, modificando as interações já existentes e abrindo um novo conjunto de interações antes impossíveis. Do ponto de vista fenomenológico, por outro lado, a Internet altera de inúmeras maneiras as experiências de interação humana, e muitas dessas transformações estão associadas ao processo de virtualização associado a este meio. (EISENBERG 2003, p.5)

A Internet irá de forma significativa influenciar na formação das novas identidades individuais, como afirma Musse (2019). Grupos antes poucos representados na mídia televisiva, na Internet, podem se auto representar, decentralizando a produção de narrativas, abrindo um campo maior para os discursos autênticos e individuais e as novas formas de socialização, construindo e reconstruindo conexões e culturas nesses ambientes, sendo também espaços de praticas culturais.



### 3.1 Ciberespaços: Criação de um novo espaço?

O termo ciberespaço surge a partir dos anos 80, sendo referenciado ao romance do autor William Gibson, em seu livro *Neuromancer* que em sua narrativa literária traz uma mistura de ficção científica com faroeste americano, sendo tratado por muitos pesquisadores da área como uma referência a Internet e as suas interconexões, trazendo uma relação do mundo offline com o online, uma interação de sensações que romperiam o espaço geográfico. Muitos pesquisadores da área ao descrever sobre o que é ciberespaço conceituam a partir da narrativa literária do autor.

Uma alucinação consensual vivenciada diariamente por bilhões de operadores autorizados, em todas as nações, por crianças que estão aprendendo conceitos matemáticos [...] uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Linhas de luz alinhadas no não espaço da mente, aglomerados e constelações de dados. Como luzes da cidade, se afastando [...]. (GIBSON 2013, p. 113)

Einsberg (2003) diz que o ciberespaço descrito por Gibson (2003) e defendido por muitos autores romantiza e distorce a realidade da virtualidade da Internet, que as interações do ciberespaço mencionadas no livro são diferentes da realidade em que vivemos. Para este autor a Internet não constitui um espaço, independente de “onde você está”.

Como toda boa ficção científica que cria um novo mundo, a persuasão do elemento fantástico de *Neuromancer* depende de uma hesitação permanente entre realismo e irrealismo da narrativa. O realismo, no caso do ciberespaço de Gibson, é construído através das metáforas do desbravamento por territórios desconhecidos. Os operadores da Internet, conhecidos hoje como internautas, não vão a lugar algum enquanto navegam na rede. Ainda que boa parte das metáforas utilizadas pelos próprios internautas para explicar suas interações via Internet guarde semelhanças com as metáforas espaciais de Gibson, a Internet não constitui um espaço. Visitar uma *homepage* não é visitar alguém em sua casa; afinal, ninguém está lá para recebê-lo. Participar de um chat também não é ir a um boteco, onde você jamais se senta à mesa de desconhecidos para discutir um tema qualquer. Em suma, parece haver algo de seriamente equivocado em conceber a Internet como um espaço. Pelo contrário, na medida em que interações humanas via Internet são completamente independentes de “onde” você está, devemos dizer que nela essas interações são desterritorializadas. (EISENBERG 2003, p.4)

Para Levy (1999) o ciberespaço é o novo modelo de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores, sendo uma abertura de novos espaços de comunicações, um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar coletivamente formas de se comunicar diferentes.

Eu defino o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e 93 telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes

digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço. Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do início do próximo século. (LEVY,1999, p.101)

Para alguns autores a Internet “zeraria” a geografia e as suas distâncias por conta da interconectividade e a criação desses novos ambientes virtuais. Como afirma Castells (2003):

A Era da Internet foi aclamada como o fim da geografia. De fato, a Internet tem uma geografia própria, uma geografia feita de redes e nós que processam fluxos de informação gerados e administrados a partir de lugares. Como a unidade é a rede, a arquitetura e a dinâmica de múltiplas redes são fontes de significado e função para cada lugar. O espaço de fluxos resultante é uma nova forma de espaço, característica da Era da Informação, mas não é desprovida de lugar: conecta lugares por redes de computadores telecomunicadas e sistemas de transporte computadorizado. Redefine distâncias, mas não cancela a geografia. Novas configurações territoriais emergem de processos simultâneos de concentração, descentralização e conexão espaciais, incessantemente elaborados pela geometria variável dos fluxos de informação global. (Castells, 2003, p. 170)

Assim como toda paixão criada pelo capitalismo essa nova forma de conectar-se com o mundo e os grupos carrega em si uma cara jovem, o discurso do progresso, das novas tecnologias digitais. Como afirma Eisenberg (2003) “não há produção de um novo espaço”, contudo há uma produção de cultura mesmo nesses ambientes virtuais, onde existe a presença humana, existem práticas culturais.

Podemos ver mesmo uma certa inter-relação aguda entre os espaços eletrônicos e os espaços físicos. Estamos assistindo a mutações importantes no que venha a ser o espaço urbano (suas práticas, suas formas econômicas, o exercício da política, a constituição e transmissão da cultura) e não a sua dissolução no eletrônico-virtual. O fato é que as potências intrínsecas do avanço tecnológico, de antemão, já determinam um futuro inexorável da entrada das cidades na lógica das redes telemáticas, a cidade-ciborgue, tornando-se necessária uma reflexão sobre todas as consequências dessas novas incorporações. (LEMOS 2004 p.134)

Para Lemos (2004), esses ambientes virtuais estão a todo o momento produzindo essa nova cultura digital, pensando assim a Internet como lugar em vez de “não-lugar”, mesmo esse lugar sendo fluido e líquido como a modernidade assinalada por Bauman (2017)

Não se trata de substituição das cidades de aço e concreto, mas de uma reconfiguração profunda. Assim, na cidade-ciborgue, passam a evidenciar-se interações complementares

entre a cidade física e a eletrônica e não a sua desmaterialização ou substituição total. A cidade de concreto e aço não desaparece e não desaparecerá, muito pelo contrário. Podemos ver mesmo uma certa inter-relação aguda entre os espaços eletrônicos e os espaços físicos. (LEMOS 2004, pag.134)

Nesses espaços virtuais, as pessoas constroem bandeiras e histórias e suas identidades entram muitas vezes em confronto. Podemos analisar os ciberespaços como transposição de territórios e culturas. É complicado pensar que só a concretude dos espaços físicos construirá territórios em que podemos apresentar nossas histórias e identidades. Assim como as identidades na contemporaneidade são híbridas, os espaços em que elas se constroem também o são.

No campo das relações sociais, principalmente entre os jovens, os ambientes virtuais surgem como uma nova forma de agrupamento sociocultural em que as pessoas escolhem os grupos que querem fazer parte. Nesses ambientes virtuais quase todos se encontram.

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LEVY,1999, p.21 )

A interconectividade dos ambientes virtuais chega com a promessa de agregar, de dar voz a grupos antes silenciados. Há os que acreditam que nesse espaço virtual as diferenças sociais e hierárquicas ficariam de fora, como se as relações desiguais pudessem ser anuladas, mas por mais que construíssemos perfis com só o que queremos que as pessoas vejam de nós, não deixamos de levar as nossas histórias, bandeiras, posicionamentos; com isso o mundo online ao transpor para o offline, leva as mesmas questões políticas e sociais que tomarão muitas vezes o protagonismo das discussões dentro dos grupos virtuais.

Ambientes online desempenham um papel fundamental na reprodução do racismo. As novas tecnologias virtuais facilitaram a disseminação de mensagens racistas de natureza “prática e não-prática” (Rajagopal, 2002, p. 2). A internet pode servir como uma ferramenta para reforçar uma mensagem coletiva e pode até mesmo motivar atos de violência via posts implícitos e explícitos (Rajagopal, 2002; Nakamura, 2010). Com a capacidade de ressoar com os defensores do perpetrador, as expressões de ódio podem intensificar as discriminações e criar um contexto de medo e terror (Tsesis, 2002). As tecnologias digitais podem facilmente promover um conteúdo racista que pode frequentemente de forma sutil, o que Lisa Nakamura (2010, p. 337) chama de “micro-agressões”, e atrai usuários interessados a se juntarem a grupos discriminatórios. Inclusive, os benfeitores dos sites que

promovem conteúdo racista encorajam o acesso de usuários e consequentemente a legitimação do racismo (Rajagopal, 2002).(ROSHINA, 2020, p.46)

Em contraponto ao termo ciberespaço, Einseberg (2003) traz a ideia de aldeia global como se o mundo inteiro estivesse agora de alguma forma interconectado através da Internet e todas as distâncias deixassem de existir com um clique.

É preciso analisar a linha tênue entre agrupamento de pessoas e exclusão, analisar o discurso de que essas tecnologias eliminariam as diferenças sociais, que entraríamos desnudos e desarmados nesses novos ambientes. Nem todos tem acesso à Internet e quando nos agrupamos por interesses em comum deixamos de fora outros. Entendo que muitas produções sobre representação, tecnologias e relações raciais ou sociais na Internet partem da análise produzida pela classe média branca o que significa que discorrer sobre o acesso a esse novo território é compreender que nem todos estarão lá acessando ou sendo representados.

Outra problemática que essa cultura da Internet traz para o mundo físico, principalmente entre os adolescentes e jovens é que esses ambientes virtuais acabam cheios de “vida”, discussões, movimentados de pessoas “indo e vindo” (nesse caso logando e deslogando ou nem isso), mas fisicamente no mundo em que as relações sociais são importantes para a “sobrevivência” esses indivíduos experienciam a solidão, não se relacionam, ou se socializam com as pessoas que dividem os espaços presentes fisicamente, tornando-se cada vez mais ausentes em relação aos problemas reais, deixando muitas vezes as pautas e discussões políticas efervescidas no campo do grupo virtual, sentado em um sofá na sala da sua casa.

Exemplo disso é o uso excessivo do celular entre a população e no caso do Brasil, segundo a FGV<sup>18</sup>, são 234 milhões de celulares inteligentes (smartphones). Ao adicionar notebooks e tablets, são 342 milhões de dispositivos portáteis em junho 2020, ou seja, 1,6 dispositivo portátil por habitante, mesmo sendo um advento da modernidade a relação celular e indivíduo não se restringe mais apenas a adolescentes e jovens e o uso do celular faz parte do dia a dia de praticamente todas as faixas etárias. Antes de viver essa virtualização das relações e a interconexão de pessoas em diferentes espaços geográficos e as práticas culturais dentro desses espaços, há que se perceber que todos falam dos seus lugares físicos, seja cabeado pelos computadores ou fixados nos celulares.

---

<sup>18</sup> Fundação Getúlio Vargas – <https://eaesp.fgv.br/noticias/uso-dispositivos-digitais-brasil-ultrapassa-400-milhoes-unidades>.

As cidades têm sido definidas pelos espaços públicos nos quais as pessoas se encontram e compartilham experiências comuns. Os sistemas de telecomunicações estão gradualmente afetando até mesmo as atividades e eventos que acontecem-nos mais diversos assentamentos urbanos. (LEMOS, 2004, p.142)

A cultura do celular faz parte de uma maior interação entre os indivíduos e rede, ou melhor, o cidadão rede, pois até a fiscalização pública e política em boa parte feita dentro dos aparelhos de celulares.

No ciberespaço, ao mesmo tempo que o ocupamos um lugar — ou seja, nos fazemos presentes em seu espaço —, ele próprio ocupa também um lugar em nossas vidas, seja consumindo o nosso tempo diariamente ou nos motivando a estar frequentemente acompanhados de dispositivos que possibilitem o seu uso, para que possamos estar conectados na maior parte do tempo, por exemplo, com um celular no bolso ou na mesinha de cabeceira ao lado da cama, para ter conexão com a Internet até a hora de dormir e/ou se conectar novamente logo ao acordar e, conseqüentemente, ter a sensação de nunca estar desconectado, ou seja, “fora” do ciberespaço.(CIPRIANO, 2020, p.57)

### **3.2 Cibercultura**

A cibercultura através dos espaços virtuais/ciberespaços produz um conjunto de práticas culturais construídas que mantém uma relação como mundo físico. A criação de comunidades virtuais a partir da interconexão de pessoas encontra-se ligada ao virtual de duas formas: direta e indireta.

Diretamente, a digitalização da informação pode ser aproximada da virtualização. Os códigos de computador inscritos nos disquetes ou discos rígidos dos computadores — invisíveis, facilmente copiáveis ou transferíveis de um nó a outro da rede — são quase virtuais, visto que são quase independentes de coordenadas espaço-temporais determinadas. No centro das redes digitais, a informação certamente se encontra fisicamente situada em algum lugar, em determinado suporte, mas ela também está virtualmente presente em cada ponto da rede onde seja pedida. (LEVY 1999, p. 48).

Ao falar de ciberespaços, ambiente virtual ou aldeia global, estamos falando de cultura digital, segundo Levy (1996) Cibercultura específica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem acompanhado de o crescimento do ciberespaço.

Cada pessoa com acesso à Internet faz parte do ciberespaço quando troca informações, compartilham dados, publica alguma informação, enfim, usa essa infraestrutura técnica. Embora seja possível estabelecer algumas distinções mais sutis, pode-se dizer que, ao se conectar à Internet, o indivíduo está presente no ciberespaço.

Assim como nos espaços reais nem todas as pessoas são igualmente ativas, engajadas em questões políticas ou em conversas, no ciberespaço as conexões não são iguais. Mas assim como é impossível acordar sem estar imerso em um ambiente físico qualquer, com o qual obrigatoriamente se estabelecem relações, é difícil estar no ciberespaço sem um mínimo de conexões.

Por outro lado, a expressão “estar no ciberespaço” pode levar a metáfora geográfica um pouco longe demais. “Estar lá”, no caso, significa ter a possibilidade de navegar entre documentos, páginas, textos e informações diversas. Isso implica que o ciberespaço não “está lá” até que se converta em algum tipo de interface em uma tela, seja de um computador, *tablet* ou celular; ao mesmo tempo, cada computador é parte de um conjunto maior de elementos, formando uma espécie de “computador único”, no qual o número de trocas tende potencialmente ao infinito. (MARTINO, 2014, p. 29-30).

Dentro dessa rede de computadores, sejam smartphones, tablets, smartwatches, entre outros esses usuários são vistos não somente como um público que acessa uma rede social na Internet, mas criadores de conteúdos, de publicidade interagindo entre si. Exemplo disso são os digitais influencers que geram conteúdo a cada minuto no Youtube, Instagram e outras redes muitas vezes atrelados a uma campanha publicitária.

A ideia da Web 2.0 foi introduzida em uma conferência do O'Reilly Media Group em 2004. [...] Desde a sua introdução, a Web 2.0 tornou-se a lógica cultural para o comércio eletrônico, com uma série de práticas empresariais que buscam captar e explorar a cultura participativa. Mais do que “colar uma nova interface de usuário em um aplicativo antigo”, a Web 2.0 representa uma reorganização das relações entre produtores e seus públicos em um mercado de Internet em fase de maturação, assim como um conjunto de abordagens adotadas pelas empresas que buscam tirar proveito da criatividade de massa, do coletivismo e da produção colaborativa. Os superastros de negócios emergentes nessa categoria prometem aos usuários maior influência sobre a produção e a distribuição de cultura, e os “usuários”, os “consumidores” e o “público” passaram a ser considerados “cocriadores” de conteúdo e serviços. Esses cocriadores são engajados como colaboradores, visto que fazem upload, tag, organizam e classificam conteúdo [...]. Enquanto isso, os marketeiros enfatizam, cada vez mais, campanhas transmídia, experiências interativas e plataformas participativas que encorajam essa cocriação. Os princípios da Web 2.0 motivam o público a participar da construção e da customização de serviços e mensagens, em vez de esperar que as empresas lhes apresentem experiências completas formadas em sua totalidade. (JENKINS 2014, p. 79)

Segundo Jenkins (2014) o youtube emergiu de um site fundamental para distribuição de mídia alternativa, como novas formas de cultura participativa, representando um lugar de encontro para diversas comunidades. Funcionando também como um arquivo de produção de mídias e também tem uma relação com as outras redes sociais.

No ciberespaço, vemos a consolidação de uma nova cultura, a cibercultura, produzindo memes construídos através de relações sociais, transpondo muitas vezes do mundo virtual para o

físico, definindo a materialidade da cultura para além da concretude dos objetos ou vestígios produzidos. Exemplo disso são as escolas que se tornam espaços da circulação dessa materialização da cultura digital, seja através da moda, gírias, comportamentos ou debates que saem da Internet e se acirram no mundo físico (ou vice e versa), como também os “linchamentos virtuais”.

Ao pensar nas relações sociais estabelecidas na contemporaneidade principalmente para a camada jovem, associamos imediatamente as redes sociais, entendendo a construção das identidades dos sujeitos forjadas no hibridismo entre o virtual e o físico. Os indivíduos vivem inseridos na rede mostrando a sua cultura local, seja da sua casa, região ou país, como também absorvendo a do outro, do mundo. O mundo globalizado vive dentro dos cabos de fibra ótica das redes sociais. Mas o mundo globalizado não seria uma continuidade de um mundo segregado?

No contexto do mundo midiático em que vivemos se faz necessário compreender como as relações sociais têm sido modificadas pela mídia do mesmo modo se faz necessário pensar sobre como a Internet e as redes sociais estão mudando as relações dos sujeitos consigo mesmo e com os outros a partir desse novo lugar de construção de identidades individuais e coletivas. (MUSSE 2019, p.45)

Antes das redes sociais os sujeitos dependiam das outras mídias a exemplo da TV para que se visse representado ou a sua cultura naquele espaço com o advento da Internet o sujeito não só se representa e identifica-se com os seus pares como aprofunda-se em outras culturas.

A cultura acontece e participa do jogo das identidades também sendo consolidada, construída e de certa forma propagada através dos meios de comunicação, pois eles criam símbolos que são compartilhados repetidamente passando, algumas vezes, a estereotipar aspectos de determinada cultura por meio dos discursos visuais, verbais e textuais. O processo de identificação do sujeito com esses símbolos e estereótipos se dá rapidamente por meio do sentimento de representatividade que eles oferecem aos indivíduos. (MUSSE 2019, p.50)

O Instagram surge em outubro de 2010 começando apenas como publicação de fotos pessoais em perfis com poucas legendas. Aos poucos, foi se tornando uma das maiores redes sociais, criando novas carreiras como a de influenciadores digitais, muitas empresas migraram para essa plataforma, bem como se acirraram os perfis de discussões políticas. Com o passar dos anos essa rede terá milhões de seguidores, bem como moverá um grande comércio relacionado a venda da imagem. Aos poucos a rede vai ser aperfeiçoada promovendo uma maior interação entre os usuários, mudanças em sua logomarca (que traz como referência a imagem da polaroid), como também a problemática dos filtros nas imagens.

Essa rede social não vai somente destacar-se pela circulação de memes e ataques a perfis, desmistificando mais uma vez a utopia da Internet enquanto espaço neutro e agregador. Mas como um espaço de autorrepresentação direta ou indireta. Refletindo a sociedade rodeada de imagens, na qual estamos inseridos, tendo utilização da imagem como linguagem de comunicação. Como afirma Musse (2019)

(...) saber utilizar a imagem de forma a atingir uma comunicação rápida e eficiente é cada vez mais importante no mundo contemporâneo. Isso não significa que a linguagem no sentido da palavra escrita esteja sendo substituída pelas imagens, compreendemos que elas sejam utilizadas de formas diferentes e com intenções diferentes por quem as usa, pensando, especialmente, na melhor escolha para se comunicar dentro de cada meio. (MUSSE, 2019, p. 153)

### **3.3 Ciberdemocracia no Brasil**

A Internet chega ao Brasil nos anos 80, porém a abertura da Internet para população civil começa a partir dos anos 90, período em que o mundo vem se refazendo de alguns governos ditatoriais. O alcance da Internet pela maioria da população brasileira começa nos anos 2000<sup>19</sup> a partir do governo do PT (Partido dos Trabalhadores). O governo que tinha como representante o presidente Luis Inácio Lula da Silva, teve em seu plano de governo, políticas de reparações sociais e políticas afirmativas como um maior acesso dos negros nas universidades, dando poder de compra à população pobre, numa perspectiva de democratização dos espaços offline e online que antes eram ocupados por uma pequena parcela da sociedade.

O acesso à Internet ainda não é de acesso a todos, sendo um espaço limitado e de exclusão, pois considerando a realidade social brasileira em que muitos brasileiros vivem abaixo da linha da pobreza, sem acesso ao básico que o Estado deveria lhe garantir<sup>20</sup>, como educação, trabalho, entre outros. A democratização de acesso à Internet também trouxe uma maior transparência dos órgãos estatais, bem como uma maior fiscalização e proximidade da população com o dinheiro público, leis

---

<sup>19</sup> Mesmo período da criação das mídias sociais Facebook®, Instagram®, YouTube®, Twitter® e WhatsApp entre o ano de 2004 a 2010.

<sup>20</sup> Constituição Federal de 1988, Art. 6º são direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados.



e decretos. A Internet não será somente espaço de opinião política, mas também da fiscalização da mesma. Como destaca Silva e Cia:

[...] governos devem usar tecnologias para garantir requisitos normativos da democracia, como participação e transparência, por exemplo, mas não para simplesmente serem mais eficazes, para uma entrega mais eficiente e econômica de serviços públicos. A lógica democrática, materializada em seus princípios, por exemplo, nos diria que cidades devem usar tecnologias para uma governança ou um planejamento urbano mais participativo ou mais deliberativo, mas não simplesmente para injetar inteligência computacional, interação e eficiência na vida urbana. (SILVA, SAMPAIO e BRAGATTO, 2016, p.19 )

A democracia digital, sendo reflexo de uma democracia liberal, é uma forma de exercer a democracia direta, e fiscalizar. Para Gomes (2005) “digitalizar” os órgãos políticos é dar um maior acesso e visibilidade a população, tornando os órgãos legislativos e os serviços públicos mais eficientes, mais transparentes e com maior acesso. Outro caráter, importante ao se tratar em democracia digital é que, para além de todas as possibilidades que ela oferece, é também uma nova forma de se fazer política.

O que podemos chamar de “democracia digital” lida com a complexa relação entre tecnologias digitais de comunicação e as práticas democráticas. Também serve para definir um emergente campo de estudo que se consolidou nessas primeiras décadas sob a denominação de “e-democracia”, “democracia eletrônica” ou “ciberdemocracia”. (Silva, Sampaio e Bragatto, 2016). “Os limites da separação entre o público e o privado estão sendo modificados e a vida urbana parece mais volátil e rápida, mais incerta e mais fragmentada do que em qualquer outro tempo.” (Lemos, 2004, p. 140)

O que precisamos elucidar é que o discurso democracia digital não é somente mais uma “novidade” da transparência e digitalização de órgãos públicos, acesso às mídias e acesso informação, conseguidas dos anos 90 até aqui, mas democracia ou ciberdemocracia vai além disso, ela traz de forma evidente que por se tratar de um espaço que nem todos tem acesso revela um discurso de democracia que existe apenas para poucos e que nem todas as pessoas estão representadas. As redes não são neutras, o acesso não é para todos, nem todas as falas são ouvidas; precisamos entender que a Internet é um espaço de constantes disputas de narrativas e projetos.

Considerando a força do controle midiático no Brasil, o discurso de ciberdemocracia e digitalidade vem tomando espaço, a exemplo as eleições de 2011 chegando às eleições de 2018,

sendo responsável uma das principais fontes de notícias, mas também por criação de mitos, polarização e fakes news<sup>21</sup>. Ao analisar esse recorte temporal do período eleitoral brasileiro, podemos ler as brigas e discussões entre candidatos, militantes, e ativistas nas redes sociais e a vasta produção de conteúdo com declarações de ódio, caráter racista e intolerante que foram produzidos nesse período.

O conglomerado midiático no Brasil das mídias tradicionais tem uma grande credibilidade na produção de conteúdo. E se formos rever historicamente as imagens que a imprensa produziu sobre os homens e mulheres negros e negras, foi de colaboração com a imagem de marginalização e coisificação desse grupo na sociedade. Sendo uma ferramenta forte a favor do projeto colonial e racista, boa parte da construção da imagem, da invisibilidade dos negros, do escárnio e desumanização foi construída também pela imprensa.

Ideologicamente, as mídias no Brasil se aproximaram do pensamento conservador, ratificando pensamentos racistas, determinando a partir da visão deles os lugares sociais de cada um, justificando desigualdades a partir de traços culturais herdados. Mas os conteúdos que são produzidos no mundo virtual também fazem parte das emissoras de TV, que obtêm o controle midiático através dos portais de informação e redes sociais dando continuidade à manutenção dessa ideologia racista, reforçando a exclusão e retratando a população negra como violenta pejorativa ou “engraçada”. Como afirma Roshina,

A mídia digital pode exercer um papel proeminente promovendo a exclusão de jovens afrodescendentes. Quando acontecimentos violentos são reportados nas plataformas de mídia, a juventude afrodescendente é frequentemente retratada como os únicos perpetradores da violência e esses jovens são constantemente confrontados com discursos racistas (ROSHINA 2020, p.43)

No esteio desse pensamento trago as discussões do sociólogo Jessé de Souza (2019) que trata do ódio e da aversão da elite e da classe média ao sistema democrático e à boa parte da população negra e pobre mesmo nos espaços virtuais. Percebendo que a democracia brasileira é de fato, uma política para beneficiar o direito de uma pequena elite e sua classe média, observamos como a população negra e os povos originários que sempre brigaram por direitos mínimos, que deveriam ser garantias constitucionais, permanecem sem a garantia de direitos, exceto para os homens, brancos, heterossexuais.

---

<sup>21</sup> Notícias falsas.

Na democracia, a liberdade dos brancos só é viável se for acompanhada pela segregação dos negros e o isolamento dos brancos na companhia dos seus semelhantes. Ou seja, se a democracia é fundamentalmente incapaz de resolver a questão racial, a pergunta passa a ser como poderá América se livrar dos negros (MBEMBE 2019, pg. 153).

Entender que essa democracia exclui uma grande parcela da população, inclusive no campo virtual, é base para compreender os processos de perpetuação de um discurso racista dentro das redes sociais. Ao delimitar a análise do espaço virtual a partir do Instagram, busco compreender esse pensamento colonial virtualizado, pois o Instagram é uma rede social cuja narrativa através dos memes reforça no campo da política as relações raciais e pessoais, bem como as desigualdades.

Vemos diversas pesquisas apontando hoje como ativistas da área de comunicação e tecnologia tem revelado processos pelos quais as tecnologias digitais têm sido racializadas, a partir de uma lógica da supremacia branca. Lógica essa que trata o ativista negro, o youtuber com menos investimento ou seguidores que os brancos, como se a população não quisesse ou não pudesse se ver representada nesses espaços virtuais. No decorrer da pesquisa encontrei muitos negros e negras corroborando com as piadas racistas, mas poucos entenderam a força da representatividade nas redes sociais e como isso afeta o seu imaginário e autoestima.

Para alguns teóricos a disseminação da fake news, seria a descridibilização do jornalismo brasileiro e o enfraquecimento das grandes emissoras de TVs, pois muitas pessoas preferem mensagens repassadas da Internet aos noticiários, com isso preferem um resumo de informações em vez de uma pesquisa sobre determinados temas.

O comportamento do brasileiro nas mídias sociais revela um grande movimento de “saída do armário” do pensamento colonial, patriarcal ainda defendido por muitos. Ou, de forma intensa, ele só migrou para era digital junto com o seu discurso de ódio. Alguns pensavam que a Internet seria um espaço sem divisão de classes, de igualdade, porém o mundo offline junto com as suas ideologias transpôs para o mundo online. O indivíduo leva as suas vivências para onde ele for, seja, físico ou ciberespaço. Para Levy:

[...] o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano. (LEVY, 1999, pg. 16)

Em um país que entra em um sistema republicano por vias de um golpe militar e tem marcado em sua história momentos de autoritarismo, golpe civil militar<sup>22</sup>, e a dominação de uma elite de rapina, torna-se difícil afirmar se realmente vivemos algum momento um período puramente democrático. Pensar a democracia é entender que ela tem que ser uma democracia política, ética e étnica, e é evidente que não vivenciamos essa democracia em nenhum período histórico do Brasil, principalmente uma democracia étnica. Para Gomes (2005):

O resultado é que, em geral, a minha democracia digital nunca é igual à sua, a não ser que pertençamos ao mesmo partido e à mesma escola de teoria democrática, embora continuemos a usar a mesma expressão para designar uma coisa e outra. (GOMES 2005,pg. 6)

Segundo Marilena Chauí (2019), no Brasil fica difícil dizer que há uma democracia, pois numa sociedade em que os meios de comunicação usam as notícias como forma de manipulação para manter o controle ideológico defendendo os interesses da elite do país, sendo financiado pelos grupos oligárquicos da branquitude, vemos que as empresas de comunicação são grandes conglomerados que abarcam não só as emissoras de TVs, mas vários campos das mídias, formando uma indústria dos meios de comunicação com a formação de uma oligarquia de “*coronelismo eletrônico*” nas mãos de parlamentares, sendo conferido concessões para quem deveria ser fiscalizado pelo jornalismo.

O advento da Internet na vida do brasileiro trouxe facilidades no dia a dia, como também um termômetro social, pois boa parte da juventude passa mais tempo dentro do ciberespaço, agarrados aos seus *telefones*, viralizando notícias e imagens, engajados em debates virtuais muito mais do que no mundo real. Sabemos que boa parte da população não tem acesso à Internet e que, mesmo com avanços de outros governos, muitos jovens negros e periféricos não têm acesso ao ciberespaço como os jovens brancos da classe média.

Com isso, é importante também pensar na democratização dos espaços virtuais para a população negra, considerando que muitos debates hoje em dia explodem no mundo online e são transpostos para o mundo offline, influenciando a formação de opinião sobre a identidade desses jovens negros através da Internet. Segundo Trindade (2020), há um crescimento dos discursos de

---

<sup>22</sup> Em 1985 ocorre a abertura democrática no Brasil através da campanha Diretas Já, contudo ao analisarmos a realidade das periferias no Brasil essa Intervenção militar nunca saiu das periferias, onde diariamente as policiais matam jovens negros.

ódio nas redes sociais de conotação intolerante e racista, mostrando os aspectos do segregacionismo à brasileira que usa os espaços virtuais para as suas práticas racistas, como também demarcando que esse espaço seria só deles (classe média e elite branca).

O exemplo disso são os ataques aos perfis de usuários negros, seja aos menos favorecidos economicamente que são ridicularizados ao postar o seu cotidiano simples ou o negro de classe média atacado por estar em espaços que antes eram ocupados só por brancos. Tudo isso, muitas vezes, justificado como humor, “*ou racismo recreativo*” como afirma Moreira (2019),

o humor racista não possui uma natureza benigna, porque ele é um meio de propagação de hostilidade racial. Ele faz parte de um projeto de dominação que chamaremos de racismo recreativo. Esse conceito designa um tipo específico de opressão racial: a circulação de imagens derogatórias que expressam desprezo por minorias raciais na forma de humor, fator que compromete o status cultural e o status material dos membros desses grupos (MOREIRA, 2019, p. 24.)

Não diferente disso são os perfis dos ciberativistas e artistas negros que constantemente atacados por *haters*<sup>23</sup> não tem a quantidade de seguidores como dos brancos, recebendo menos incentivo e propaganda, como se não existisse uma população que consumisse e quisesse ser vista em todos os espaços.

O cidadão consumidor passivo transforma-se paulatinamente em um cidadão hiperconectado obrigado a interagir cada vez mais com redes e instrumentos de comunicação digitais. De cidadão consumidor, a cidade-ciborgue vê surgir o “cidadão-ciborgue” da era da informação. Isso não significa, necessariamente, maior interação na vida pública já que a hiperconexão é aqui uma nova forma de consumo e narcisismo. O grande desafio do urbanismo contemporâneo das cidades-ciborgue será articular o cidadão-consumidor-ciborgue (informado-conectado) da cibercultura com a pólis (LEMOS 2004, p.143).

Recentemente por conta do contexto da pandemia causada pelo vírus da covid-19 onde as pessoas tiveram que manter o isolamento social em suas casas embora saibamos que nem todo mundo tem esse privilégio, as aulas nas redes de ensino pública e privada foram suspensas, e quando houve o retorno de modo online, os estudantes das escolas públicas tiveram dificuldade em acompanhar as aulas, seja porque não tinha acesso amplo a internet, seja por não ter celulares e computadores para todos em casa, esse cenário demonstrou na prática como a realidade dos jovens

---

<sup>23</sup> Termo usado na Internet para classificar pessoas que postam comentários de ódio ou crítica sem muito critério.

de escolas públicas em sua maioria negros não disputam em igualdade com estudantes de escolas particulares.

Outro acontecimento que mostrou a desigualdade social foi o posicionamento do Ministério da Educação, tentando manter as datas das provas do ENEM\*<sup>24</sup> afirmando pela própria fala do então Ministro que a “a prova era para escolher os melhores e não para reparação social” fala que repercutiu em toda sociedade. Com isso os estudantes de escolas públicas do Brasil se juntaram com a sociedade civil em uma campanha online #adiaENEM, como um exemplo fundamental para mostrar como esses estudantes unidos pelas redes sociais foram capazes de produzir uma força-tarefa para ajudar aos jovens estudantes negros e de baixa renda no processo de realização do exame, mostrando como esses espaços de disputa de narrativas também tem tido seus ganhos.

A luta por espaços virtuais é relatada por influenciadores negros que acusam o Instagram de que seus algoritmos são racistas, pois ao publicarem os seus conteúdos acabam por não ter o mesmo alcance que influenciadores brancos. Outro exemplo se dá a partir de uma pesquisa simples: Ao escrever no campo de pesquisa do Google “cabelos feios” aparecem fotos de mulheres negras com os seus cabelos crespos ou tranças ou quando alguns influenciadores negros colocaram fotos de pessoas brancas em suas publicações e tiveram um maior alcance nas redes sociais. Mostrando assim que os algoritmos trazem em si as ideologias de quem o criou.

Os algoritmos são “idealizados” por pessoas, e pessoas incorporam seus vieses inconscientes nos algoritmos. É raramente intencional – mas isso não significa que devemos ignorar a responsabilidade dos cientistas de dados. (SILVA, 2020, p. 124)

Compreender o conceito de democracia digital é entender como se constrói essa nova forma de se fazer política, e esse novo espaço de fabricação de relações raciais, de se mostrar para o mundo, de ocupar todos os espaços, debater e compreender o significado de democratização. Ao entender a imensa e rápida produção de conteúdo do mundo virtual, identificando a ideologia colonial, o racismo, seus mecanismos de linchamento e escárnio da população preta na Internet, percebemos como isso impacta o universo e identidade da juventude negra, que é grande consumidora do mundo virtual. Nesse estudo, analisamos o olhar do estudante negro da escola pública do Estado da Bahia e sua relação com o ciberespaço.

---

<sup>24</sup> O ministro da Educação, Milton Ribeiro, afirmou que as datas do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) estão mantidas e que uma "minorias barulhenta" é quem pede o adiamento das provas. <https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/01/12/enem-adiamento-milton-ribeiro.htm>

Ao analisar o mundo virtual e as suas replicações miméticas, vemos que as informações chegam de forma mais rápida e algumas vezes de forma efêmera<sup>25</sup>, sem filtro algum, tornando a Internet uma “terra de ninguém”, propagando de maneira viral e notícias que não se sabe a origem ou veracidade. Atrelado a isso, vem surgindo uma nova forma de se fazer política no Brasil através das novas tecnologias, redes sociais ou democracia digital como fala Gomes (2005), em que vemos discussões, ataques, e militâncias através da Internet, pelos partidos, movimentos sociais, e alguns arranjos escusos como perfis robôs, havendo uma exclusão na participação política, pois nem todo cidadão tem acesso à Internet.

---

<sup>25</sup> Acredito que nem toda produção de memes fica esquecida, principalmente os de cunho racistas que fazem referência a alguém, pois marcará o seu imaginário.

#### 4. Imagem e autoimagem: racialidade e educação

Ao analisar os discursos através das imagens busco compreender o impacto da virtualidade na construção da identidade dos jovens negros da escola trabalhada. Ao analisar historicamente as imagens dos homens e mulheres negras na sociedade a partir do estudo da Schwarcz (1993), podemos ver as sementes do pensamento racista relacionado à imagem do negro imbuído das teorias raciais que chegaram ao Brasil no século XIX, fertilizando o pensamento científico social, como também a imprensa, uma situação que perdura até hoje.

Como reflete Achille Mbembe (2019), esses discursos produzidos no século XIX se dividiam em “*três bengalas*”: raça, geografia e tradição, classificando o homem em sujeito humano e racial, atribuindo características fisiológicas e distinguindo e hierarquizando político e culturalmente a sociedade, a fim de justificar as diferenças. No entanto, essa construção também fará parte de uma autodeterminação do indivíduo negro. Embasado em teóricos como Moreira (2019), em que o conceito de “racismo recreativo” ganha força, articulando a linguagem e representação atrelada à construção da imagem do negro nas redes, o corpo negro enquanto suporte do escárnio disfarçado de humor e a representação do negro nas mídias digitais, apontamos como as tecnologias, longe de serem espaços neutros, contribuem com esse imaginário racista sobre o negro na sociedade.

A partir dos dados coletados no campo e através das ferramentas metodológicas da netnografia, tentei compreender como se dá o processo de percepção e construção da identidade desses jovens afrodescendentes mediados pelas tecnologias digitais, imagens e narrativas em pixels.<sup>26</sup>

Busquei compreender como são formadas essas identidades atravessadas pelas ferramentas digitais, ou seja, como se dá essa relação dos signos, símbolos e linguagem a partir desses conteúdos da Internet na formação da identidade do jovem negro de escola pública de Salvador.

---

<sup>26</sup> Pixel é o menor ponto que forma uma imagem digital, sendo que um conjunto de pixels com várias cores formam a imagem inteira.



Como essas subjetividades, a partir das representações adentram o imaginário desses sujeitos diáspóricos, visto que a materialidade atingida na criação de tal conteúdo deverá ter o seu valor de troca, pois como afirma Foucault (1995), toda linguagem tem o seu valor.

Objetivamos pensar sobre as distintas formas de ser negro/negra a partir da representação dos jovens na escola, entendendo como essa nova geração se comporta, qual cultura consome, e como se vê. Assim como, entender esses corpos negros e como são representados a partir dos *memes* que circulam nos ciberespaços e nas escolas públicas, para nos ajudar a identificar quem são esses jovens negros do século XXI moradores da periferia de Salvador. Consumidores de um mundo virtual, esses meninos e meninas se portam e se veem dentro dessa virtualidade com seus próprios mecanismos de enfrentamento e estratégias para combate e/ou burlar o racismo e forjar a suas identidades dentro dessas disputas virtuais ou não.

Para nos auxiliar, Barth (1998) trará o conceito de etnicidade e de grupos étnicos e suas fronteiras. Para ele a interação entre os grupos permite transformações contínuas e demonstra que essa e qualquer outra identidade coletiva são construídas e transformadas na interação de grupos através de processos de exclusão e inclusão dependendo do interesse ou contexto, determinando quem está inserido no grupo e quem não está. Já não é visto, como antes, apenas como traços culturais estáticos e imutáveis, que vão passando de geração para geração dentro do grupo.

A etnicidade é compreendida por Barth (1998) como uma categoria de organização social. Os principais pontos defendidos é que os grupos étnicos são como categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores, que organiza a interação entre as pessoas; além disso, Barth explora os diversos processos que parecem estar envolvidos na geração e manutenção dos grupos étnicos e desloca o foco de investigação interna aos grupos nas fronteiras étnicas e a manutenção delas afirmando que as identificações étnicas devem ser vistas como base na adscrição e autoinscrição (me defino e sou definido como parte do grupo) e no seu caráter situacional.

Neste sentido na interação interétnica os indivíduos dentro dos grupos étnicos definirão seus comportamentos a fim de serem coerentes com sua identidade e de evitarem práticas e situações que impliquem desacordo com suas posições valorativas para evitar sanções sociais. É só a partir da análise das fronteiras que se percebe as dinâmicas e interesses envolvidos no processo identitário, mantidas a partir de um conjunto limitado de traços culturais. O conteúdo cultural das dicotomias reside principalmente, nos sinais e signos manifestos e nas orientações valorativas básicas, que são

fatores socialmente relevantes e importantes para diagnosticar o pertencimento. Por fim, Barth vai afirmar que as fronteiras étnicas persistirão apesar do fluxo constante de pessoas que as atravessam e que as categorias étnicas não dependem de ausência de mobilidade, contato ou informação.

O termo etnicidade por um bom tempo foi arrolada com base na questão biológica, contudo como afirma Cunha (1985) “a questão da cultura veio substituir a raça” e com isso a etnicidade sai de um discurso biológico para se apoiar em cultura e representações, defendendo espaços de grupos sociais antes excluídos de análises. Com isso a etnicidade no século XX vai se apoiar muito nas questões sociais, como alguns grupos buscarão referências pra poder sustentar os seus “discursos” nas questões étnicas.

Visto que nenhuma cultura se mantém intacta ao se manter em contato com outras, mesmo cada uma carregando a sua língua, religião, muitos grupos ao se vêm em novos espaços buscam a reconstrução das identidades dos indivíduos nas novas organizações que estão inseridos. Podemos tomar como exemplo da re/construção de uma identidade o caso do indivíduo negro no Brasil, que busca em África referências para manutenção dos seus discursos e como sentimento de pertencimento a um grupo, já que a etnicidade é definida também por questões políticas, políticas afirmativas, na luta e garantias de espaços e direitos.

#### **4.1. Estudos das imagens e suas dimensões**

Oliveira (2016) afirma que “na virada do século XX para XXI assumimos definitivamente que as imagens são também forma de conhecimento e, portanto, envolvem as construções de identidade, as disputas simbólicas e imaginárias, os poderes, as dominações e resistências” (p.09).

Entendo as imagens como práticas sociais, que participam ativamente das relações e da formação social, classificadas como práticas materiais, conceito de Norman Bryson (1994). Menezes (2003) ao fazer um retrospecto sobre o estudo das imagens no campo acadêmico traz a conexão da interdisciplinaridade que conecta os estudos da antropologia visual, sociologia visual, história da arte, história e imagem e história visual, como vertentes fundamentais que se interseccionam aos estudos de visualidades atrelados às análises e participações sociais nas construções e interpretação das imagens e seus diversos suportes.

Ao analisar os textos de Knauss (2003) e Menezes (2003) é perceptível a dialógica entre os dois, pois os mesmos refletirão sobre a importância das imagens na construção historiográfica. As imagens precedem o código da escrita, faz parte da História das sociedades antigas e de toda a sua opulência, com sistemas de códigos e condutas, carregando em si vestígios de um passado em que a escrita eurocentrada que conhecemos não existia, e nem por isso são considerados povo sem História. Compreendo então que através das imagens podemos analisar sociedades que deixaram as suas marcas na história, como hierarquização social, racial, e uma diversidade de práticas.

Na contemporaneidade nos deparamos com a produção da virtualidade através dos memes, mídias, cinema e tantas outras imagens produzidas pela sociedade como uma produção social cultural, seja ela intencional ou não, como práticas e representações de grupos sociais da vida “real” ou virtual.

Amparado nesse pensamento sobre a construção social a partir das imagens Carvalho (1993) traz a reflexão sobre a criação de mitos e heróis entre símbolos e identificações a partir da figura de Tiradentes e a República brasileira. Discutindo como a imagem de Tiradentes foi construída durante a História do Brasil, muitas vezes sacralizada, a fim de se criar mitos sobre a proclamação da república que teve inspirações francesas. Associar a imagem de Tiradentes ao divino provoca um sentimento social de pertencimento ou aproximação do inalcançável, os elementos iconográficos adicionados à representação de sua imagem o deslocam do lugar de “simples” humano, apontando heroicidade e espiritualidade, provocando o sentimento de pertencimento e devoção, característica da representação.

Ao pensar na construção da imagem do negro no Brasil é inevitável lembrar dos estudos no final do séc. XIX de Raimundo Nina Rodrigues, influenciado pelas teorias de Cesare Lombroso.

Lombroso valeu-se da fotografia para catalogar os tipos humanos que teriam “tendência” ao crime. Suas ideias comparavam imagens fotográficas de pessoas presas buscando estabelecer um “tipo” de semelhança que justificasse a sua tese evolucionista do “criminoso nato”. Suas ideias associavam demência à delinquência e num certo sentido corroborava os preconceitos sociais, raciais, da Europa imperialista, utilizando-se de imagens fotográficas para confirmar esse pensamento. A fotografia, nesse período, foi largamente empregada pelos governos, e por alguns antropólogos, para julgar as diferenças sociais e culturais. (MATHIAS, 2016, p.74)

Os seus estudos criminalistas sobre os negros no Brasil e a sua religião, ficaram marcados no imaginário popular brasileiro, como também na ciência, contribuindo para a produção afro-

brasileira, mas também para uma carga negativa da visão do negro na sociedade. A vasta participação da Igreja Católica na História também contribuiu para a demonização da religiosidade negra e coisificação dos homens e mulheres negros e negras. Com o passar dos anos ocorrendo também grandes repressões por parte da força policial e preconceito por parte da imprensa.

Ao longo dos anos veremos a cultura imagética servir para representação e autorrepresentação de classes sociais através do monopólio da produção artística dos quadros, fotos, com o surgimento da máquina fotográfica no século XIX, pois o acesso era para poucos, e a maioria das famílias representadas nos álbuns eram de pessoas brancas.

A cultura imagética está presente e acentuada não só nos mercados editoriais e midiáticos, mas também nos cotidianos vividos. O dia a dia e a autorrepresentação burguesa foram marcados pela fotografia: álbuns de família, fotografias mortuárias e tumulares condensam valores e práticas cotidianas burguesas; a emergência da cultura digital trouxe o barateamento e ampliação do acesso às tecnologias de produção e distribuição de imagens, sons e vídeos, alterando cotidianos, relacionamentos, percepções e repertórios, reverberando nas construções das identidades de pertencimento. (MATHIAS 2016, p. 10)

Assim como o acesso as fotografias eram para poucos a calibragem das máquinas não eram adaptadas para pessoas de pele negra, exemplo disso é que durante anos muitos álbuns de fotos traziam a distorção da imagem, pois o fotógrafo ao tentar captar as pessoas negras aumentavam a luz e imagem acabava dando destaque aos dentes; e se tivesse ao lado de pessoas brancas o resultado era ainda desastroso resultando muitas vezes em destaque dos brancos e “estourando” a imagem das pessoas de pele negra. Roth (2016) em seu artigo fala dos *cartões de Shirley* produzidos pela empresa de fotografia Kodak na década de 1940, que eram cartões que tinham como referência a imagem de mulheres de pele clara, vestidas com roupas de vários tons para dali medir a calibragem da foto.

Na era online surge uma nova forma de criação e organização de álbuns de fotos, como afirma Musse (2019) com o surgimento da web 2.0, e a digitalização da fotografia, não se resumindo somente a revelação química, criam-se os álbuns afetivos, e nele não estão somente pessoas da família, como antes com os “álbuns de família”, nos afetivos as pessoas mantêm outros laços que não os parentescos, como também podem se ver representados. Levando em consideração que o conceito de família também sofreu mudanças na atualidade.

Ao nos debruçarmos sobre a paisagem contemporânea vemos surgir através das representações miméticas esse olhar sobre o outro, com a alteridade sendo descrita e narrada através

das mídias e das representações imagéticas. Como diz Jenkins (2014) *Bem-vindo à cultura da convergência, onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis.*

## 4.2. O Meme

O termo meme surge a partir dos anos de 1970 através do livro *O Gene Egoísta*, de Dawkins. Por mais que pareça algo ligado aos espaços virtuais, esse termo surge do campo da biologia.

Mimeme provém de uma raiz grega adequada, mas eu procuro uma palavra mais curta que soe mais ou menos como “gene”. Espero que meus amigos classicistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. Meme guarda relação com memória, ou com a palavra francesa mème.

Exemplos de memes são melodias, ideias, slogans, as modas no vestuário, as maneiras de fazer potes ou construir arcos. Tal como os genes se propagam no pool gênico saltando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, os memes também se propagam no pool de memes saltando de cérebro para cérebro através de um processo que, num sentido amplo, pode ser chamado de imitação. (DAWKINS 2015, p. 330).

Ao analisar as imagens reproduzidas através dos memes vemos novos modelos de visualidades e verbalidades, como também uma transposição das mídias, e convergência da cibercultura. O meme é, portanto, o resultado cultural dessas interconexões, sendo um gênero textual próximo do cartum e da charge.

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (JEKINS, 2019, p.29)

A convergência concebe uma mudança cultural, em que os produtores de mídias não são mais só os grandes conglomerados midiáticos, mas também o indivíduo. Nesse sentido os memes que circulam nas redes sociais são exemplos de uma cultura produzida muitas vezes por indivíduos comuns que não precisam necessariamente ter grandes aptidões com programas de manipulação de

imagens, apenas um celular ou computador e uma rapidez em sua produção, pois uma das características do meme é a rapidez com que ele é produzido e consumido

Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo (JENKINS, 2009, p. 30).

Pensando a cultura de convergência como uma cultura colaborativa, o que é produzido na Internet nunca será somente por uma pessoa, e para uma pessoa, pelo seu alcance e rapidez, atingirá sempre em proporção maior a um grupo. O poder de alcance do meme além da sua produção “instantânea” e a sua viralização, mais a sua capacidade de multimodalidade, é algo que sai do campo micro para o campo macro, chegando muitas vezes a uma proporção global.

Sobre a rapidez na qual o meme é viralizado, Recuero (2009), caracteriza o mesmo por longevidade, fidelidade das cópias e fecundidade.

A longevidade é a capacidade do meme de permanecer no tempo. A fecundidade é sua capacidade de gerar cópias. Por fim, a fidelidade é a capacidade de gerar cópias com maior semelhança ao meme original. Ressalte-se que a propagação dos memes é cíclica e nem sempre implica a reprodução fiel da ideia original. Ao contrário, as mudanças e transformações são frequentes e comparadas, em sua abordagem, às mutações genéticas: essenciais para a sobrevivência do meme. Assim, as diferenças através das quais as pessoas repetem as ideias são, por definição, parte do meme. (RECUERO, 2009, p. 124)

Por ser uma linguagem multimodal do gênero meme. A partir de códigos multisemióticos, o gênero meme pode e deve ser como ferramenta dentro das escolas da educação básica, seja pela sua comunicação através das imagens que são representadas, como também pela sua linguagem.

Ao analisar os memes que foram escolhidos para a elaboração desse estudo através do olhar dos estudantes do Colégio Estadual Carneiro Ribeiro-Classe IV podemos vê-los enquanto expressão de um discurso produzido nesse mundo virtual, que traz em si a transposição de uma ideologia do mundo físico, imbuída de um pensamento racista, funcionando para esses grupos como uma nova ferramenta para manutenção do discurso racial com suas heranças coloniais. Como afirma BAKHTIN (2011, p. 279) apresenta os elementos constitutivos dos enunciados:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não

só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação (BAKHTIN, 2011, p. 279)

Compreendemos como o meme chega ao jovem com o discurso de algo nocivo, divertido, recreativo, afinal como todo ato racista nesse país construído na base da subalternização dos negros, indígenas e pardos será mais um ato tratado como “ingênuo”, como racismo recreativo, feito a partir da execração de grupos subalternos, como lembra Moreira (2019).

O humor racista aparecia nesse contexto para afirmar a necessidade de uma política do branqueamento para que essas pessoas, vistas como inferiores, pudessem adquirir os elementos necessários para serem gradativamente integradas à vida social à medida que se aproximassem das pessoas brancas por meio da miscigenação. Verificaremos então uma continuidade em todas essas formas do humor racista nas manifestações do racismo recreativo. (MOREIRA 2019, p.64)

Ao analisar as imagens produzidas sobre os negros na História do Brasil vemos um racismo recreativo sustentado pela mídia, que se fundamenta na ideologia da branquitude, tentando validar a partir de um humor “ingênuo” em que tudo se produz como algo ‘não intencional’, onde o outro já subjugado de todas as formas, também serve como divertimento, de modo sádico dentro e fora das mídias digitais.

### **4. 3. O Olhar sobre a virtualidade da imagem**

O que podemos nos perguntar a partir da leitura dessas imagens que circulam na Internet de forma viral, “correndo” computadores, tablets e celulares e algumas vezes sendo comentadas nos programas das emissoras de TV será apenas um divertimento ingênuo? Qual é a construção da alteridade? O que a imagem do outro tem a nos dizer? Pois muitas vezes quem é apresentado nas imagens, nesse caso o meme como imagem, é sempre o outro. Qual a proximidade daquela imagem sobre nós e até onde ela chega até nós? Será que no final repetiremos que tudo não passou de uma brincadeira?

O filósofo Etienne Samain (2018) em seu livro nos deixa uma pergunta que norteará essa discussão, “Como pensam as imagens?” como as imagens nos provocam a pensar, nos convoca a

pensar, como nos orientamos ante a imagem e dentro da imagem (p. 22). E a partir daqui eu convoco a você a entender como convidei aos alunos do Colégio Estadual Carneiro Ribeiro-Classe IV, do 1<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> do ensino médio a pensar sobre as imagens que eles curtiam, divertiam-se, compartilhavam.

No processo de construção desse estudo uma questão sempre me inquietou, de como seriam postas as imagens nesse estudo, como conseguiria introduzir as imagens trabalhadas com os entrevistados sem que essas aparecessem apenas como uma ilustração. Como defendido por Menezes (2003) acredito que as imagens trazem em si discursos não podendo ser usadas somente enquanto referência a um texto ou ilustração. Para Maresca (2018):

Manuais, programas escolares ambicionam nos ensinar a “ler as imagens” como se o visual somente pudesse ser entendido reduzindo ao textual. Entre os critérios de escolha dos clichês destinados à imprensa, destaca-se o imperativo de serem “legíveis”, o que, muitas vezes, quer dizer que devem ser compreensíveis numa primeira olhadela. (MARESCA, 2018, p.31)

Outro ponto que utilizei na dinâmica e entrevista quando apresentei as imagens é que não colocaria legendas, pois compartilho do mesmo pensamento apresentado por Maresca (2018) em que as legendas nas obras, fotografia e imagens em geral, sugestionam pré-interpretações e direcionam o pensamento do que pode ser interpretado na imagem posta para apreciação, com isso podendo compreender a leitura da imagem em vários pontos, a da legenda que introduz a leitura, a superficial ao primeiro olhar, a descrição do artista e aquela que parte da subjetividade que perpassa pelas ideologias e contexto na qual foi criada a imagem.

Compreendemos o século XXI em quanto tempo da história e também um período de suporte para a construção desse estudo. Entendo que, o presente se ampara em ecos do passado trazendo uma gama de contextos para a discussão das questões étnico raciais dentro do espaço escolar, especialmente quando conectado às redes sociais.

Queria discutir o entrelaçamento do olhar com o imaginário desse jovem, como essas identidades muitas vezes foram diluídas por um processo silencioso de violência simbólica dentro e fora das unidades escolares, e como esse olhar que, precede a memória, absorverá/interpretar imagens que os colocam enquanto sujeito/coletivo marginalizado. Muitas imagens que foram sendo repassadas entre os estudantes entrevistados, não foram vistas com cunho racista, como as imagens



que serão discutidas no decorrer do texto, alguns alunos disseram que além de não ver nada ofensivo, reproduziam aquelas imagens pelas redes sociais.

Ao deparar-se com a realidade de uma continuação de uma educação racista que trata a História e cultura afro-brasileira apenas no 20 de novembro, professores da área de humanas do Colégio Classe IV pensaram em um projeto que teve como título “*Descolonizando o conhecimento*”, a fim de tratar da História da África, a diáspora africana, e os reflexos atuais disso na História do Brasil. O projeto foi iniciado no mês de agosto com os estudantes do 7ª ano do ensino fundamental dois, ao 3ª ano do ensino médio. Sendo finalizado no mês de novembro.

O projeto ficou dividido entre um curso teórico e prático com os alunos, com aulas em que muitas vezes estavam multisseriadas, e logo após a explanação dos assuntos, abria-se para o debate. O trabalho ajudou na mudança de concepção que eles tinham sobre questões raciais e como se viam. O projeto foi feito para se posicionar contra a dinâmica que existe nas escolas em que apenas no mês de novembro se trabalha a Lei 10.639 de 2003 quando é comemorado o 20 de Novembro Dia da Consciência Negra, em que as escolas “comemoram” de forma folclórica o tema do racismo. Assim os professores decidiram dedicar a III Unidade para a formação desses alunos quanto ao tema.

A culminância do trabalho deu-se em 13 de novembro no turno da manhã e da tarde, resultando em apresentações artísticas de dança, canto, como também exposição de quadros, exposições com temáticas do candomblé, países da África, como também o contexto social da população negra no Brasil, Bahia e Salvador. Alguns trouxeram a realidade das suas comunidades, como uma aluna que desenhou imagens dos orixás, como também expôs as roupas litúrgicas.

Muitos alunos afirmaram que passam mais de 5 horas do seu dia no celular, navegando pelos ambientes virtuais, principalmente no Instagram, como também alguns relataram não ter celular ou computador, mostrando que o discurso dessa juventude conectada não abrange uma parte significativa da população

Passo praticamente o dia inteiro, sempre que possível no celular, e se não tenho acesso na escola por causa da Internet, quando tenho dados moveis aí até na escola. (L. A. 17 anos)

Mais de 4 horas no celular. (L.A 16 anos)

Mais de 5 horas no celular e também no computador. (C.S. 18 anos)

A seleção das imagens para a realização das entrevistas deu-se pelo critério dos memes que eles compartilhavam daí identifiquei algumas com o caráter racista, como também levei algumas imagens que chamaram atenção no Instagram por carregar esses discursos. O que mais chama atenção que a maioria das imagens selecionadas expõem muito a questão do fenótipo negro, corpos e cabelos de homens e mulheres, sendo algo que está bem próximo do universo jovem e adolescente em fase escolar.

Antes de começar a discussão através das imagens a partir do olhar dos alunos trago abaixo o convite para o olhar sobre um meme repassado na sala dos professores, por alguns deles em tom jocoso, como se ao olhar aquela imagem a única forma em que se sentiam afetados foi à recreativa. Entre risos e compartilhamentos, observei que naquele momento de “relaxamento” o porquê de não conseguirem ver a questão racial nas imagens, mesmo que muitos alunos poderiam estar próximas dessas. Ainda mais quando associada ao fenótipo negro.



Moreira (2019) traz a reflexão sobre o humor físico, muitas vezes usado nos programas humorísticos da Tv brasileira em que fazem questão de atenuar os traços físicos como uma aparência assustadora.

É claramente um humor físico, no qual o ator fazia questão de acentuar certas expressões faciais para acentuar o que era então apresentado como uma aparência horrenda. Sua cara pintada de preto e seu nariz de borracha foram elaborados para fazer as pessoas rirem por ela representar o que é sempre referido como exemplo máximo da feiura. Outros personagens fazem comparações e comentários derogatórios comuns na vida social brasileira em relação a negros: associam sua aparência física com piche, com urubus, com fezes, com escuridão – todas referências simbólicas que ao longo do tempo relacionam a negritude com algo negativo, como indício de uma moralidade inferior, como ausência de humanidade. (MOREIRA, 2019, p. 73)

Compreendendo essa circularidade entre o virtual e o ambiente escolar para os jovens, trouxe diferentes imagens para que um grupo analisasse durante a entrevista e mostrasse a proximidade com que eles e elas viam essas imagens, sendo que estas mesmas imagens foram compartilhadas por alguns deles na escola e fora dela através dos seus aparelhos de celular. Como a imagem abaixo que traz o cantor Stevie Wonder seguida de uma frase “Nego não se enxerga” mostrando uma dubiedade, seja de caráter racista, como também capacitista, pois o cantor é deficiente visual. Essa imagem foi à primeira escolhida pelo aluno C.S., ele disse que não via nada além de graça, que já compartilhou diversas vezes, porém quando um aluno apontou não somente a questão racial, mas a deficiência, ele calou-se e depois refletiu sobre ser algo tão intrínseco que passa muitas vezes despercebido aos olhos.



Eu acho essa imagem engraçada, já repassei várias vezes como nesse momento eu escolheria como uma imagem que não é racista. A questão de ser negro é tão persistente na nossa sociedade que a gente passa por isso e não percebe. A questão do racismo é tão persistente que pra gente que sofre ela é algo que não percebe, como mensagens, imagens, que a gente acaba repassando e não percebe. (C.S17 anos)

Compreender o que significa ser negro a partir e/nas mídias digitais é perceber como esse sujeito diaspórico se entende enquanto negro e como se entrelaça essa questão na formação da sua identidade.

As imagens utilizadas para promover racismo recreativo algumas vezes tentam passar como uma brincadeira leve, inserido entre amigos, algo que passe quase despercebido, mas o constrangimento de quem sofre ou como na imagem abaixo em que cinco mulheres brancas pintam o rosto, o famoso *blackface* e no centro uma mulher negra, com a frase “agora sim, todas iguais”, esse meme circula na Internet visto como engraçado e inocente.

Na prática do *blackfishing* vemos pessoas não-negras que se pintam de preto, não como forma de resistência ou proteção contra as formas mais brutais de violência, mas em benefício próprio pela apropriação de elementos puramente estéticos que desrespeitam toda a cultura negra assim como toda a luta da população negra, uma evidente aproximação das práticas de racismo recreativo, agora monetizado. Entendemos o *blackfishing* como uma variação de uma prática racista já bastante conhecida o *blackface*, que é uma prática racista praticada nos Estados Unidos desde 1830, por atores brancos que se pintavam de preto para ridicularizar pessoas negras, reforçando estereótipos racistas, a prática se iniciou no teatro e posteriormente ganhando espaço no cinema e na televisão (Pinto, 2017). Em essência as práticas têm a mesma raiz, a pessoa branca que vê a cultura negra como jocosa, disponível para que façam qualquer tipo de “brincadeira”. (ARAUJO e SILVA, p.118)

Ao ser escolhida por uma aluna, ela relata que a imagem lembra os programas humorísticos de televisão, as “brincadeiras” feitas entre colegas no colégio, que é algo tratado como normal, que se for relatar como racismo ainda é visto como uma pessoa “problemática”. Até porque isso também é usado como fantasia para o carnaval.



Esses programas de TV, de humor da globo, só vive mostrando a mulher negra como uma fantasia feia, o ator pinta o rosto, coloca o dente todo torto, o pior que se tem alguma colega na escola que pareça aí o pessoal fica perturbando. (D.E. 16 anos)

Muitas ideias que são transmitidas pela Internet são porque o que pensando por um grupo geralmente grande. Sabe?! Então quando essa opinião é levada para muitas pessoas você acaba sentindo a aceitação de certas coisas, você acaba aceitando também. E não podemos negar que não temos uma opinião totalmente própria. Você leu um livro e daí ajuda a formar a opinião, pois cada um tem uma visão diferente da vida, mas não é aceitado. (M.E. 18 anos)

O que estamos chamando de racismo recreativo não pode ser visto como um tipo de comportamento individual porque está presente em diversas formações culturais, notoriamente nos meios de comunicação. Embora essas manifestações sejam apresentadas como humor, elas são manifestações de estereótipos que reproduzem conteúdos racistas sobre grupos minoritários. (MOREIRA, 2019, p. 67.)

Ao tratar nas entrevistas em quais imagens eles escolheriam, quais os tocavam e viam como ofensa ou traziam memórias ruins, essas imagens abaixo foram escolhidas, especialmente por uma aluna, pois a mesma trouxe no questionário e depois na entrevista a construção dela enquanto mulher negra a partir da estética, do seu cabelo, sinalizando que havia passado pelo processo de transição capilar. Quando perguntando no questionário se ela lembra algum caso de racismo sofrido em sua infância relata.

Sim, as palavras pejorativas sobre o meu cabelo. Eu recentemente tenho me identificado como uma mulher negra e como isso no meu círculo não é visto como uma identificação de todos. eu ouvi um dia desses que desde quando eu entrei no cursinho eu tenho sido uma pessoa chata. Sabe?! Que tudo eu acho que é culpa da sociedade opressora, que eu to vindo como mesmo discurso, reproduzindo junto com os meus colegas e professores, reproduzem pra mim, que eu não tenho pensamento próprio sabe?! Me chamou de chata por eu ter essa “raiva” Depois que eu tive essa visão, sabe?! (M.E.18 anos)



**Juliana Porto**

@julianacporto

Credooooo! A Miss Piauí tem cara de empregadinha, cara comum, não tem perfil de miss, não era pra ta ai. Sorry.  
[#MissBrasil](#) [#MissBrasil2017](#)

12:25 AM · 20 ago 17



Os colegas homens que olharam para essa mesma imagem acima sobre a miss Piauí que foi atacada nas redes sociais, a viam como preconceito, pois tem escrito que *a miss Piauí tem cara de empregadinha*, para eles a imagem quis dizer que pessoas negras não poderiam alcançar o sucesso, que sempre seriam lembradas por sua dor, ou por trabalhos domésticos, e nesse ponto podemos perceber como a questão racial para a mulher negra é algo mais perverso principalmente a questão estética, seja pelo seu cabelo ou seus corpos, sendo vistos como um objeto social e não como um sujeito.

Para M.A. a mesma se vê nessa imagem da miss, como também na de Wendie Renard, zagueira da seleção francesa que por mais que tenha tentado se distanciar foi na aparência com outras mulheres negras que ela buscou identificação seja pelo cabelo, roupa, acessórios.

A questão de ser identificar como negro sempre foi pelo lado negativo e passou pelo racismo. Agora eu consigo imaginar como positivo, é algo recente, agora eu tenho buscado nas minhas roupas, algo não tão embranquecido. Eu ficava antes ahhh eu não quero usar essas coisas que essas negonas usam” Eu já falei isso. Hoje não! Eu faço o caminho contrário, eu tenho me enegrecido, e não é só cabelo, é roupa, é um tipo de acessório. Eu agora tenho descolonizado o meu Instagram, por que tenho buscado em seguir pessoas negras, com aparência e com padrão como o meu ainda tem muita gente branca aqueles brancos estadunidenses, é o padrão que toma conta. Eu venho conseguindo enegrescer. Não tem sido tão cruel para mim, pois eu tenho acesso a pessoas como eu. (M.A 18 anos)



Wendie Renard

A atleta Wendie Renard foi motivo de piadas racistas na Internet durante os jogos da COPA de 2019, muitos foram os memes que ridicularizaram os seus cabelos. Os cabelos negros durante muitos anos foi construído como algo que precisava ser “domado”, sim! Muita menina e mulher preta já deve ter escutado isso na vida, em que os seus cabelos precisam ser domados, alisados ou até mesmo raspados, pois para esse tipo de gente o cabelo crespo era visto como asco. A estética negra sempre foi usada como objeto de humor, seja os corpos e suas curvas e diversidades, cabelos e roupas.

Indo ao encontro do movimento afrocentrado que anda habitando as redes sociais, ainda que algumas ideologias racistas insistam em querer demarcar esse território virtual, jovens negros e negras mostram e lutam pela sua liberdade e estética na Internet, em que os seus cabelos fazem parte dos símbolos da sua identidade.

Ao contrário do que muitos atores sociais pensam o humor não é mero produto de ideias que surgem espontaneamente nas cabeças das pessoas. As piadas que elas contam são produtos culturais, são manifestações de sentidos culturais que existem em dada sociedade. Por esse motivo, o humor não pode ser reduzido a algo independente do contexto social no qual existe. A produção do efeito cômico depende dos significados culturais existentes nas mensagens que circulam nas interações entre os indivíduos. Ele é, portanto, um tipo de mensagem que expressa o status cultural de que as pessoas gozam em uma determinada



comunidade. Uma análise histórica das produções humorísticas em nossa sociedade demonstra que elas sempre reproduziram ideias derogatórias sobre minorias raciais, as mesmas que eram utilizadas para conferir tratamento desfavorável a eles em outras situações. Vemos então que, mais do que simples mensagens que fazem as pessoas rirem, o humor assume a forma de um mecanismo responsável por medidas que legitimam arranjos sociais existentes. Os estereótipos derogatórios sobre minorias raciais expressam então entendimentos sobre os lugares que os diversos grupos sociais devem ocupar as supostas características dessas pessoas, os limites da participação delas na estrutura política, a valorização cultural que eles podem almejar e ainda as oportunidades materiais às quais podem ter acesso. (MOREIRA, 2019, p.63)

Ao buscar essa representação ancorada no passado, vemos como é importante o papel da educação. Os currículos escolares precisam parar de promover o silenciamento de ideias em detrimento do saber da branquitude, presente também nos territórios virtuais. É preciso para de romantizar o processo de colonização, amortizando as violências sofridas pelo povo negro, bem como as formas na atualidade de musealizar a nossa história na perspectiva de “evocar somente a dor do negro” como afirma Borges (2019).

Quando apresentados à imagem abaixo que faz referência a uma “ideia” racista de que os homens negros e mulheres negras são vistos apenas na condição de escravizados e subalternos, fica claro que não se pode imaginar um sujeito enquanto agente da sua própria história ocupando lugares em que antes só eram vistos homens brancos.



O olhar para essas imagens trouxe para os alunos memórias da formação na escola<sup>27</sup> em que não conseguiam identificar uma proximidade do que era estudado em sala ou a imagem do negro no livro didático, com a História deles.

Quando eu estudo a História do negro que está no livro eu não consigo me identificar, pois. Não consigo me ver como escravo. Não é a relação do racismo do atual com o passado. (C.S. 17 anos)

As pessoas não conseguem ver, justamente, a questão do racismo atual como passado, não conseguem ver, tipo o meu pai, por exemplo, meu pai diz “Que nada! Isso é coisa do passado! Para que falar disso?” Que essas questões ficaram no passado. Sim, meu pai é preto, filho de candomeleiros, entendeu? Só que assim...Por isso que é tão cruel, sabe?!Você percebe que ele também teve toda essa parte do sofrimento, ele também teve toda essa exposição. Mas ele não consegue se reconhecer. E a parte que foi muito difícil pra mim me enxergar foi essa relação de ver a ligação do antes com o agora. O porquê desse reflexo? Sabe?! Como se deu esse reflexo? Porque tudo é uma construção. (M.A. 18 anos)

O indivíduo imprime, seja objetiva ou subjetivamente as suas ideologias, em uma imagem, seja através de memes, ou até em obras de artes e fotografias. As produções não são neutras e simples, sem qualquer intencionalidade, assim como muitas imagens produzidas sobre o indivíduo negro enquanto cativo, ou humor, tendem a perpetuar esse racismo recreativo.

Um quadro, uma escultura, seja o que for, desencadeiam, graças à materialidade daquilo que são feitos, pensamentos sobre o mundo, sobre as coisas, sobre os homens, pensamentos incapazes de serem formulados como conceitos e como frases. (COLI, 2018, p.42)

Fundamentado nesse discurso de que tudo seria apenas uma brincadeira e que hoje em dia tudo é *mimimi*<sup>28</sup>, esse termo é muito utilizado nos ambientes virtuais quando alguém de algum grupo social subalternizado se sente ofendido pelos memes criados por grupos que sempre estiveram no poder. Ao analisar essa imagem irônica abaixo em que traz uma boneca branca, loira, a famosa boneca Barbie, com o discurso utilizado diversas vezes por indivíduos que tentam justificar qualquer piada ou ato criminoso que eles e elas venham a cometer enquanto ato “ingênuo”, tivemos motivo de debate entre os alunos, pois relataram que se ele ou ela diz que algo foi racista ou ofensivo muitas pessoas reagem da mesma forma que o meme abaixo, porém o que mais incomodou não é que isso venha somente de sujeitos brancos, mas também de pessoas negras.

---

<sup>27</sup> Análise acima foi feita por alunos do 3º ano do ensino médio.

<sup>28</sup> Vocabulário usado no ambiente virtual, que define *mimimi* como a dor que não dói no outro, por isso é tratada de forma irresponsável e leviana.

A teoria da superioridade é certamente a mais antiga das análises sistemáticas sobre o humor, cujas premissas básicas foram elaboradas pelos gregos antigos. Desde o início, os autores que a desenvolveram afirmaram que o humor envolve algum grau de malícia, pois sempre rimos de piadas que retratam situações ridículas nas quais certas classes de pessoas estão envolvidas. A comédia seria então uma representação de sujeitos que consideramos inferiores; ela enfatiza esse aspecto de modo a despertar prazer nas pessoas. O prazer decorre do fato de que a piada hostil permite afirmar a noção de que o indivíduo tem valor maior do que um membro de outro grupo, pessoa que é julgada a partir de estereótipos negativos ou a partir dos infortúnios pelos quais ela passa. (MOREIRA,2019, p.50)

Racismo não existe, minha bisavó era negra,  
também tenho sangue negro. Isso é mimimi.



Porque as pessoas acham que o racismo é algo de muito tempo atrás, não acham que é algo de agora. Ou que o racismo só é de agora porque alguém chegou à presidência e não gosta de negros. Aí surgiu o racismo! Pensam assim! A nossa primeira influência é em casa, seria a nossa primeira sociedade, os nossos pais não pode ter acesso, então não posso culpar a meus pais o conhecimento que ele não tem hoje. (C.S17 anos)

A questão é mais dentro de casa do que na rua. (C.O.18 anos)

A cultura caminha em vários sentidos, estabelecem incessantes interações de sociabilidade, cada uma com sua realidade histórica, sem distinções dos grupos sociais. Ela se mistura e se torna atemporal, estando sempre em transformação ao mesmo tempo em que permanece em espaços e tempos demarcados. Segundo Geertz (2017), a cultura é a própria condição de essência do homem,

sendo fruto de atos por um procedimento ininterrupto, através do qual, os indivíduos dão sentido às suas ações.

O universo escolar ainda é um espaço de grande importância e disputas para a formação dos indivíduos, constituído de pluralidade étnica, idades, gostos, ideias, ou seja, pensar o papel da educação e da escola é ver que as mesmas têm grande valor para a formação da sociedade e sendo este um espaço de cultura, um lugar de circularidade material e imaterial e de disputas de narrativas.

Um exemplo se você tem um ensino desses e está no segundo ano, você vê a diferença às vezes de quem está no ensino superior e nunca teve acesso a essas informações. (C.S.17 Anos)

Para Certeau (1980), o espaço é disposto por possibilidades e proibições que organizam esse sistema, mas o transeunte sempre pode dar um novo significado ao seu espaço. A escola ainda é um ambiente difícil para o estudante negro, pois ainda carrega currículos colonizados, a folclorização da cultura negra, as leis de obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira não são cumpridas e todo o processo de marginalização e estereótipo do negro, seja através do Estado ou dos próprios docentes que, mesmo sendo negros, reproduzem esse discurso.

## Conclusão

Antes que esse estudo pareça estar em sua conclusão é importante trazer algumas reflexões sobre o entrelaçamento da escola com as redes sociais ao partir das imagens socializadas no Instagram a respeito da representação de pessoas negras e a circularidade da cultura digital a partir da leitura dessas imagens. O racismo não é algo flutuante, não é apenas uma teoria, ele está refletido nas questões sociais, econômicas e culturais que assolam esse país, está na educação que alija o jovem negro, está na falta de oportunidade, no genocídio desses jovens e nas imagens que se disseminam nas redes. Ele é devastador e nocivo e deve ser tratado como tal.

A Internet chega como mais uma ferramenta na perpetuação do racismo, e atinge de forma direta o jovem negro, que está consumindo essa cultura digital em toda a sua materialidade, seja no campo virtual ou na transposição dele. De onde se conclui que a ideia de ciberdemocracia e seus algoritmos também mantém a ideologia racista, comprovando mais uma vez que as redes não são neutras e muito menos agregadoras como sonhada e propagada por alguns autores.

Acredito que pensar um estudo enquanto concluído é algo no mínimo leviano, a cultura está aí e ela transita por distintos lugares, tentei nesse estudo trazer o reflexo dos ambientes virtuais para o imaginário da população negra, e nesse caso os jovens negros estudantes de escola pública da cidade do Salvador. No decorrer da pesquisa muitas vezes questionei as práticas educativas dos docentes, como também o projeto do Estado. Mas, é importante e responsável sempre lembrar que esses docentes também são reflexos de formações coloniais e colonizadas que engessa a psique do indivíduo, tornando difícil cobrar de um indivíduo que lute contra um projeto de racismo consolidado há muitos anos.

Seguindo a perspectiva de que uma pesquisa feita com e sobre seres humanos e suas complexidades está sempre em processo de continuidade e levantamento de hipóteses, busquei trazer o campo da escola enquanto lugar rico para construção de grandes e novos estudos, a escola

pública como lugar de mudança, como projeto de uma sociedade melhor para a população negra desse país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, J.A.G. Althusser, **a ideologia e as instituições**. In: Aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Graal, 1970.

ALMEIDA, Adrielle Regine dos Santos. **Não toleramos mais o seu xiu: Geração tombamento, moda e política identitária**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos – UFBA. 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.**; tradução Plínio Dezien. Rio de Janeiro. Zahar 2001-2017.

BARTH, Fredrik. 1998. **“Grupos étnicos e suas fronteiras”**. In P. Poutignat e Jocelyne Streiffenart. Teorias da Etnicidade. São Paulo: UNESP. P. 185-227.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BORGES. Jamile. **Brasil tende a evocar a dor do negro em vez de lembrar a luta**.

< <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/05/brasil-tende-a-evocar-a-dor-do-negro-em-vez-de-lembrar-a-luta-diz-antropologa.shtml>>. (Acesso em 15 de julho de 2019).

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970. Reimpressão de 2018.

BRYSON, Norman. HOLLY, Michael Ann & MOXEY, Keith. (eds.). Visual culture. Images and interpretations. Hanover HN: Wesleyan University Press/The University Press of New England, 1994

CARVALHO. José Murilo de. **“Tiradentes: Um herói para a República”**. In Carvalho. A formação das almas: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 55-73.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Trad. Maria Luíza X. de A. Borges. – Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 243 p.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. 1980.

- CIPRIANO, Nogueira Cássio. **Narrativas e Representações sobre Deep e Dark Web: um estudo com relatos de usuários em Araguaína – TO**. Programa de Pós-Graduação em Estudos Cultura e Território. UFT, 2020.
- COLI, Jorge. **A obra ausente**. Org. SAMAIN. Etienne. Como pensam as imagens. Campinas: Editora da Unicamp.2018
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Etnicidade: da cultura residual mas irreductível**. In: Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CHAUÍ, Marilena. **Meios de Comunicação, democracia, autoritarismo e poder. Poder midiático e disputas ideológicas/** Organizado por Dênis de Moraes, Rio de Janeiro. 2019
- DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015
- EISENBERG, José. Internet, **Democracia e República**. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 46, no 3, 2003, pp. 491 a 511.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- \_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, máscaras brancas**. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. 3. ed. São Paulo: Centauro, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.2010.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª.ed., 13ª.reimpr. Rio de Janeiro - RJ: Editora LTC. 2008.
- GIBSON, William. **Neuromancer**. 3. ed. Trad. Fábio Fernandes. São Paulo: Aleph, 2013. 511 p. E-Book. Disponível em: <<http://lelivros.stream/book/download-neuromancer-william-gibson-em-epub-mobi-e-pdf/>>. Acesso em: 28 de dezembro de 2020
- GOMES, W. **Internet e participação política em sociedades democráticas**. Revista FAMECOS, 27 (2), 2005, p. 58-78.

\_\_\_\_\_ **A democracia digital e o problema da participação civil na decisão política.** Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos, 7 (3), 2005b, p. 214-222.

\_\_\_\_\_ **Democracia Digital: Que Democracia?.** Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10ª Edição, Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HINE, Christine. **Virtual Methods and the Sociology of Cyber-Social-Scientific Knowledge.** In: C. HINE (org), Virtual Methods. Issues in Social Research on the Internet. Oxford: Berg, 2005.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla – São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes, 2019.

JENKINS, Henry. **Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável.** Trad. Patrícia Arnaud. – São Paulo: Aleph, 2014. 403 p.

\_\_\_\_\_. **Cultura da Convergência.** Trad. Susana Alexandria. – São Paulo: Aleph, 2009. 428 p.

KNAUSS, Paulo. “**O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual**”. ArtCultura, vol. 8, no. 12, Uberlândia, jan.-jun. 2006, p. 97-115.

KILOMBA, Grada. **A Máscara. In: Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism.** Tradução Jessica Oliveira de Jesus. Münster: Unrast Verlag, 2. Edição, 2010.

KONH, Karen. MORAES, Cláudia Herte de. **O impacto das novas tecnologias na sociedade: conceitos e características da Sociedade da Informação e da Sociedade Digital.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

KOZINETS, Robert. **The Field Behind the Screen: Using Netnography for Marketing Research in Online Communities.** 2002. Acesso em 10/08/2007, disponível em <http://www.marketingpower.com/content18255.php>

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** 1ª edição Companhia das Letras, 2019.



LEMOS, A. L. M. (2004) **Cidade Ciborgue. As cidades na Cibercultura.** Galáxia, São Paulo, v. 8, n. out.2004, p. 129-148.- Reterritorialização

\_\_\_\_\_. **Comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura.** São Paulo: Annablume, 2013.

\_\_\_\_\_. **A crítica da crítica essencialista da cibercultura.** Mediação.

LEVY, Pierre. Cibercultura “**Novas tecnologias: cooperação cultural e comunicação**” Copyright © Editora 34 Ltda. (edição brasileira), 1999.

\_\_\_\_\_. **O que é o virtual?** SÃO PAULO: 2ª edição-2011 ( 2ª reimpressão-2017)

MARESCA, Sylvain. **O silêncio das imagens.** Org. SAMAIN. Etienne. Como pensam as imagens. Campinas: Editora da Unicamp.2018.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teorias das Mídias Digitais: linguagens, ambientes e redes.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

MATHIAS, Ronaldo. **Antropologia visual.** São Paulo. 2016. Nova Alexandria.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **A cultura material no estudo das sociedades antigas.** Departamento de História de Usp. 1983.

MORAES, de Dênis. **Poder midiático e disputas ideológicas/** Organizado por Dênis de Moraes, Rio de Janeiro. 2019.

MONTARDO, Sandra. ROCHA, Paula J. **Netnografia. Incursões metodológicas na cibercultura.** Revista E-compós, volume 4, Brasília, 2005.

Moreira, Adilson. **Racismo recreativo /** Adilson Moreira. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, 2005.

MOURA, Glória, O Direito à diferença.

MUSSE, Mariana Ferraz. **Narrativas fotográficas no Instagram.**2019.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra.** Tradução Marta Lança. Lisboa: Editora Antígona, 2019.

OLIVEIRA, Eduardo David de.\* **Filosofia da ancestralidade comum filosofia africana: Educação e cultura afro-brasileira.** Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 18: maio-out/2012, p. 28-47

OYĒWÙMÍ, Oyèronké. La invención de las mujeres. **Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género**. Bogotá: Editorial en la Frontera, 2017

RECUERO, Raquel. Redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROSHANI, Niousha. **Discurso de ódio e ativismo digital antirracismo de jovens afrodescendentes no Brasil e Colômbia**. SILVA, Tarcízio. Org COMUNIDADES, ALGORITMOS E ATIVISMOS DIGITAIS: OLHARES AFRODIASPÓRICOS. 1ª Edição, São Paulo 2020.

ROTH, Lorna. **Os Cartões de Shirley**. <<https://www.geledes.org.br/questao-de-pele-os-cartoes-shirley-e-os-padres-raciais-que-regem-industria-visual/>> (Acesso em 13 de janeiro de 2021).

SAMAIN, Etienne. Como pensam as imagens. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

SANTOS, dos Gislene Aparecida. Selvagens, Exóticos, Demoníacos. Idéias e Imagens sobre uma Gente de Cor Preta. Estud. afro-asiát. Vol.24 no.2 Rio de Janeiro 2002.

SILVA, S. P.; Sampaio, R. C., & Bragatto, R. C. (2016). **Concepções, debates e desafios da democracia digital**. In S. P. Silva, R. C. Bragatto, & R. C. Sampaio (Orgs.), Democracia digital, comunicação política e redes (pp. 17-37). Rio de Janeiro, RJ: Folio Digital.

SILVA, Tarcízio **COMUNIDADES, ALGORITMOS E ATIVISMOS DIGITAIS: OLHARES AFRODIASPÓRICOS**. 1ª Edição, São Paulo 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Jessé. **A Elite do Atraso da escravidão a Bolsonaro**. Rio de Janeiro. Estação Brasil. 2019.

TELLES, Edward. **Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003

TRINDADE, Luiz Valério P. **Mídias sociais e a naturalização de discursos racistas no Brasil**.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **“Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares”**. Revista Brasileira de História, vol. 23, no 45, São Paulo, 2003, p. 11-36.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: relações comunitárias étnicas**. Volume 1. Brasília, Editora UNB. 1991.

## ANEXO A

### QUESTIONÁRIO – PROFESSOR

1. Nome : \_\_\_\_\_

2. Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

3. Auto – classificação: branco ( ) preto( ) pardo( ) indígena( ) outro ( )

4. Há quantos anos leciona: \_\_\_\_\_ Carga Horária: \_\_\_\_\_

5. Formação \_\_\_\_\_

6. Formação complementar \_\_\_\_\_

7. Possui outras graduações? Quais? \_\_\_\_\_

8. Quantidade de alunos que ensina? \_\_\_\_\_

9. Adota livro didático? Qual? \_\_\_\_\_

10. Trabalha com outros materiais didáticos? Quais?

\_\_\_\_\_

11. Quais os principais problemas do ensino-aprendizagem identificados na sua disciplina?

\_\_\_\_\_

12. Como a (o) professora (o) analisa o ensino público em Salvador hoje?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

---

---

13. Quais razões que levaram a cursar licenciatura?

---

---

14. Você se reconhece como indivíduo negro?

---

---

15. Houve algum caso de racismo em sua infância/adolescência?

---

---

16. Com que frequência você acessa a internet? Em celular, computador de casa ou escola?

---

---

17. O que você identifica como portais de notícias e quais como fonte de entretenimento?

---

---

18. Quais portais você acessa?

---

---

19. Você já recebeu alguma notícia que considerava intolerante ou racista através do celular?

---

---

20. Você acha a Internet um espaço democrático?

---

---

---

21. Para você a Internet é um espaço que se pode fazer política?

---

---

---

22. Você acha que a Internet reflete o pensamento da nossa sociedade?

---

---

---

23. Na sua opinião quais os benefícios e malefícios da Internet?

---

---

---

24. Você repassa imagens e textos de Internet?

---

---

---

25. Qual impacto das notícias, imagens e textos da Internet em sua vida?

---

---

---

26. Você forma alguma opinião a partir do que vê na rede social?

---

---

---

---

23. Em sua opinião o mundo da Internet invade o mundo das escolas?

---

---

---

24. Você tem perfil nas redes sociais? Quais redes, o número de amigos e/ou seguidores, se aceita todos os convites de amizade e/ou seguidores, o que costuma publicar/compartilhar.

## ANEXO B

### QUESTIONÁRIO -ALUNO

1. Nome:\_\_\_\_\_

2. Idade:\_\_\_\_\_Sexo:\_\_\_\_\_

3. Auto – classificação: branco ( ) preto( ) pardo( ) indígena( ) outro ( )

4. Como você se vê no mundo?

---

---

---

---

5. Qual a disciplina e professor que mais se identifica? Por quê?

---

---

---

6. Como é ser estudante na rede publica de ensino do Estado da Bahia?

---

---

---

---

7. Como foi a sua infância? Você se reconhece como individuo negro?

---

---

---

---

---

8. Houve algum caso de racismo em sua infância/adolescência?

---

---

---

---

9. Com que frequência você acessa a Internet? Em celular, computador de casa ou escola? Quantas horas você fica na Internet?

---

10. Você tem perfil nas redes sociais? Quais redes, o número de amigos e/ou seguidores, se aceita todos os convites de amizade e/ou seguidores, o que costuma publicar/compartilhar.

---

---

11. O que você identifica como portais de notícias e quais como fonte de entretenimento?

---

---

12. Quais portais você acessa?

---

---

13. Você já recebeu alguma notícia que considerava intolerante ou racista através do celular?

---

---

---

14. Você acha a internet um espaço democrático?

---

---

15. Para você a internet é um espaço que se pode fazer política?

---

---

16. Você acha que a internet reflete o pensamento da nossa sociedade?

---

---

---

17. Na sua opinião quais os benefícios e malefícios da internet?

---

---

---

18. Você repassa imagens e textos de internet?

---

---

---

19. Qual impacto das notícias, imagens e textos da internet em sua vida?

---

---

---

20. Você forma alguma opinião a partir do que vê na rede social?

---

---

---

---

21. Em sua opinião o mundo da internet invade o mundo das escolas?



---

---

---